



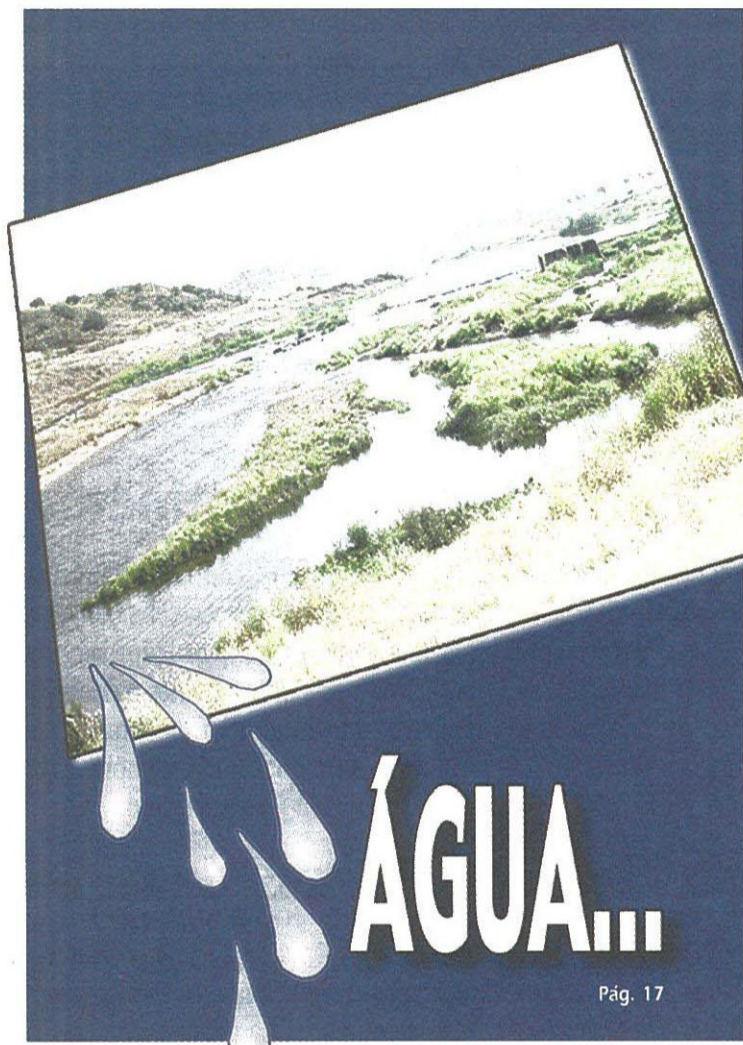
Associação dos Deficientes das Forças Armadas



Director: Fernando Cardoso Ano XXXI Julho 2005 01/07/05 Nº 354 Preço € 0,70



PORTE PAGO



ÁGUA...

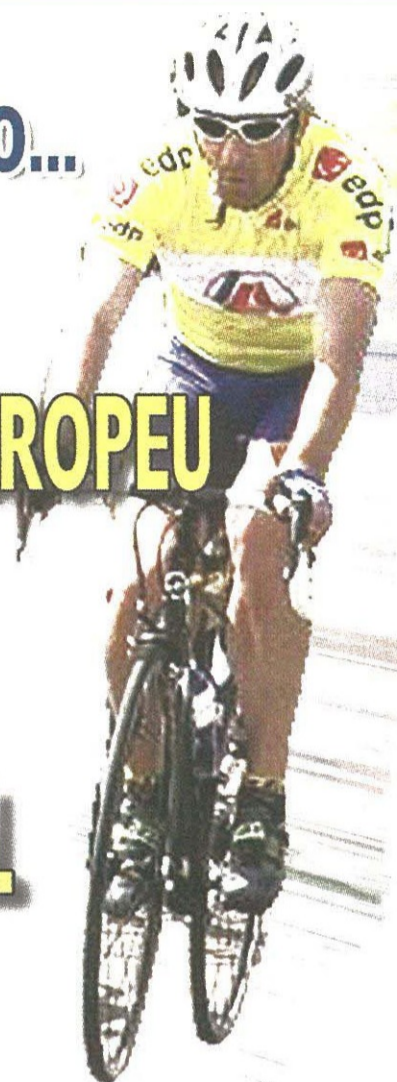
Pág. 17

SELECÇÃO DA ADFA NO...

III CAMPEONATO EUROPEU DE CICLISMO

ITAÇA INTERNACIONAL VICTOR GAMITO

Pág. 4



10 DE JUNHO

DIA DE PORTUGAL, DE CAMÕES

EDAS COMUNIDADES PORTUGUESAS

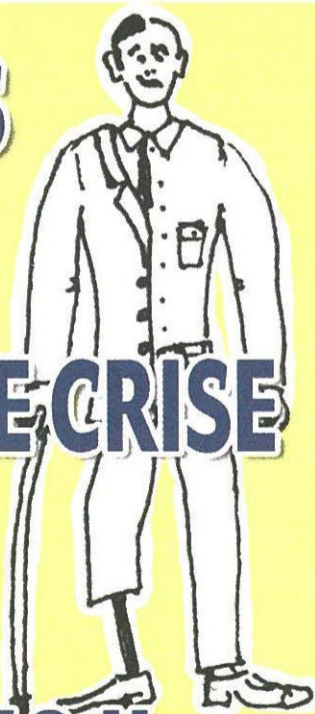


Honra eterna aos nossos mortos

Págs.8 e 9

DIREITOS EM ... TEMPO DE CRISE

Pág. 15



MAROLINO II

Pág. 16

■ Audiência com Ministro da Defesa Nacional Pág. 2

■ Desporto:
- 1.º lugar Campeonato Europeu Boccia
- Apuramento de Sara Duarte/Equitação Pág. 4

■ Secretária de Estado da Reabilitação de visita à ADFA Pág. 16

■ Inauguração do Monumento da Lourinhã Pág. 20

Notícias

Audiência Ministro da Defesa Nacional

No dia 16 de Junho, a Direcção Nacional da ADFA, representada pelos seus presidente, 1.º vice-presidente e 1.º secretário, esteve presente no MDN, para uma audiência inserida num conjunto de audições a associações de militares sobre matéria ligada com a actual conjuntura do país.

Antes de apresentar as questões concretas, o ministro da Defesa, Luís Amado, fez uma breve explanação da situação e trocou impressões com a delegação da ADFA, a quem manifestou uma vez mais o seu apreço.

Da declarações do MDN salienta-se o reconhecimento da especificidade militar e a intenção de a salvaguardar, não devendo as medidas que forem tomadas no sentido da racionalização de órgãos das Forças Armadas e da convergência dos sub-sistemas de saúde, actuar fora dessa linha de intenções.

Igualmente foi afirmado que estava fora de causa reduzir qualquer dos direitos consolidados dos DFA, a quem, segundo o ministro, são devidos o

reconhecimento público e as compensações previstas na Lei.

Passando a questões mais concretas, foram apresentados à ADFA quatro projectos de lei, tendo o MDN solicitado o nosso parecer até 22 de Junho, como aliás foi feito com as demais associações.

Os projectos diziam respeito ao congelamento da progressão nas carreiras, à avaliação do desempenho, aos regimes de protecção social e ao regime jurídico das ADM's. Destes quatro projectos, apenas os dois últimos podem ter impacto nos deficientes militares, e ainda assim por extensão, dado que se dirigem a toda a família militar e não aos DFA enquanto tal.

A posição da ADFA foi a da defesa intransigente dos direitos dos deficientes militares, no que concerne às sequelas dos ferimentos e doenças em serviço. No tocante às ADM's, aos nossos associados serão aplicadas as normas gerais da Família Militar, pelo que deve ser feita causa comum com ela.

N. Sta. C.

Semana da Pessoa com Deficiência

A Câmara Municipal de Odivelas levou a efeito, de 30 de Maio a 3 de Junho p.p., a IV Semana da Pessoa com Deficiência, de cujo programa salientamos, para além do colóquio "Que acessibilidade temos? Que acessi-

bilidade queremos?" (dia 2JUN), a exposição "Comunicar pela arte", que esteve patente ao público durante todo aquele período, bem como a apresentação de diversos grupos de dança e de teatro.

Dia das Forças Armadas

No dia 25 de Junho passado as Forças Armadas comemoraram o seu dia festivo em Estremoz, sob o signo da contenção de despesas, o que levou ao cancelamento do desfile aéreo.

As cerimónias decorreram com a presença do Presidente da República e do ministro da Defesa Nacional. Além da tradicional parada, com militares dos três Ramos, imposição de condecorações e homenagem aos militares e civis das FA falecidos, foram proferidas alocações pelos CEMGFA e MDN, em que algumas passagens merecem o nosso destaque.

No seu discurso, referiu-se o almirante CEMGFA aos que "sacrificaram ao serviço da Pátria o bem mais precioso que poderiam oferecer: a própria vida!", e adiante disse não poder "deixar de recordar as dezenas de milhar de portugueses que, no cumprimento do dever militar foram feridos ou ficaram incapacitados", acrescentando que "muitos deles continuam a dar generosamente o seu contributo válido à sociedade", e ainda que "estou ciente que o exemplo

patriótico de todos eles, uns e outros, não será esquecido e que os valores e ideais porque se sacrificaram, no exercício da condição militar que assumiram, continuarão a ser o esteio firme que honra e enobrece as Forças Armadas Portuguesas".

Depois de dissertar sobre as transformações recentes das FA e sobre as novas missões e novos desafios, disse que "as Forças Armadas não podem eximir-se, mesmo por razões de solidariedade, ao conjunto de medidas que visam a prazo o restabelecimento do equilíbrio das contas públicas, sabendo que poderão ser também afectadas, no respeito pelos princípios da partilha de esforços e da equidade".

Seguidamente, o Ministro da Defesa Nacional tomou a palavra, referindo-se às necessidades de reestruturação e modernização das Forças Armadas, o que implicará, na área que interessa mais directamente aos deficientes militares, a eliminação de estruturas obsoletas e à integração de factores comuns

INSTITUTO MILITAR DOS PUPILOS DO EXÉRCITO - IMPE

Concurso de admissão aos cursos de ensino superior

Irá ter lugar entre Agosto e Setembro do ano corrente o concurso para admissão ao 1.º ano dos cursos superiores ministrados neste estabelecimento de ensino militar (Contabilidade e Administração, Engenharia Mecânica, Engenharia de Electrónica e Telecomunicações e Engenharia de Electrotecnia), tendo prioridade as ex-alunas e os ex-alunos do IMPE, do Instituto de Odivelas e do Colégio Militar.

São condições gerais de admissão: ser português e possuir condições físicas comprovadas em inspecção médica, ter menos de 21 anos de idade em 31 de Dezembro de 2005 e ter completado o 12.º ano dos agrupamentos I, II

ou III; são condições especiais, provas específicas de matemática para Contabilidade e Administração e de matemática e física, ou química, ou desenho e geometria descritiva, para Engenharia de Electrotecnia.

Mais informações devem ser pedidas para a Secção Pedagógica do Ensino Superior do Instituto, Estrada de Benfica 374, 1549-016 Lisboa; telef.: 21 771 38 32 ou fax 21 778 52 89 e ainda correio electrónico:

secrebs.impe@mail.telepac.pt

ou secr.esup.impe@mail.telepac.pt.

Pode ainda ser consultada a página www.exercito.pt, procurando depois impe.

Protocolo ACAPO-Modelo Continente

A ACAPO e a Modelo Continente assinaram, em Sessão Solene que decorreu no passado dia 7 de Junho nas instalações da primeira, um protocolo de parceria "... no sentido de criar condições que, em concreto, permitam a

todos aqueles que são portadores de deficiência visual, fazer as suas compras por meios que lhes permitam ter um mais profundo conhecimento das características dos produtos que pretendem adquirir." (do comunicado à imprensa).

III Concurso Nacional Postais de Natal

Com data limite de 30 de Junho p.p. para entrega de trabalhos, até ao máximo de 3 por autor, a ANACED organizou o III Concurso Nacionais de Postais de Natal, destinado a artistas com deficiência, amadores ou profissionais, e com o objectivo de realizar postais de Boas Festas para Ministérios, Câmaras

Municipais, Governos Civis, Bancos, Empresas, Fundações e outras organizações, além, claro, da própria associação promotora. Estamos na expectativa da apresentação dos trabalhos premiados, até para uma próxima divulgação dos mesmos, se assim o entender a ANACED.



e a implementação de mecanismos de gestão centralizados. Concretamente no sector da saúde militar, haverá que o articular com o serviço nacional de saúde, num critério de complementaridade, e proceder à integração dos sub-sistemas dos Ramos, tudo isto feito por forma a acautelar a medicina militar, nomeadamente quanto á capacidade de participação em missões internacionais.

Após ter mencionado a necessidade de uma nova organização, implicando a criação de um QG conjunto permanente e a revisão de legislação sobre a Defesa Nacional, o dr. Luís Amado lembrou a actual conjuntura financeira e a necessidade do contributo de todos os sectores do Estado para a melhoria da situação. Deste esforço não podem alhear-se a Defesa Nacional, as Forças Armadas e os elementos que as constituem, dando a garantia de que "os esforços pedidos a todos não deixarão de respeitar o estatuto da condição militar que queremos aliás dignificar", em palavras suas.

Esta orientação aparece também referida na área dos recursos humanos, quando afirmou que as decisões serão tomadas "sem esquecer naturalmente, na medida do possível, os compromissos assumidos com os ex-combatentes", enfatizando, "e, em especial, com os deficientes das Forças Armadas".

Não podemos deixar de registar, em ambos os discursos, a referência aos deficientes militares e à especificidade militar. Possam estas palavras concretizar-se em acções, já que é com estas que se faz andar o Mundo.

Desporto

III Campeonato Europeu de Ciclismo e I Taça Internacional Victor Gamito

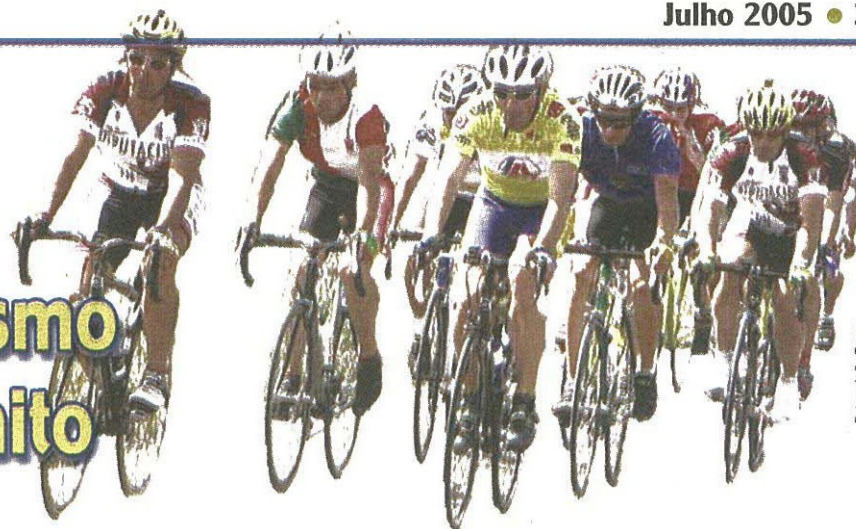


Foto: João Torres

Realizaram-se de 8 a 12 de Junho p.p., na região de Estremoz, Fronteira e Sousel, o III Campeonato Europeu de Ciclismo para Deficientes e a I Taça Internacional Victor Gamito.

A ADFA participou neste evento com a sua equipa de ciclismo, patrocinada pela empresa "Tortas de Azeitão", com os seguintes elementos: José Parreira, José Ribeiro, José Lopes, Joaquim Filipe, Júlio Martinho, António Gomes, Fernando Modesto, Porfírio Santos, tendo na coordenação Rui Bernardo, no apoio logístico Luís Baltazar, sendo chefe de delegação o 3.º secretário da DN, José Pavoeiro.

Da prova constaram cinco etapas, assim distribuídas: 9 Junho - 15h30, contra-relógio individual, São Domingos de Ana Loura/Estremoz; 10 Junho - 9h30, prova em linha, Estremoz-Fronteira; 15h30, contra-relógio individual, Fronteira-Fronteira; 11 Junho - 10h30, contra-relógio por equipas, Fronteira-Sousel; 12 Junho - 10h00 prova em linha, Estremoz-Estremoz. e, almoço de encerramento e entrega de troféus e lembranças.

A equipa da ADFA-Tortas de Azeitão teve como objectivo, além da participação na taça Victor Gamito, uma demonstração de "querer e fazer", atendendo à idade dos seus/nossos ciclistas.

Sem esquecer estes intuitos de carácter apenas lúdico, não deixará de ser de referir, já no campo desportivo, que a equipa da ADFA chegou a andar com a camisola amarela!

Quanto à opinião dos participantes, ela pode ser sintetizada em algumas considerações, como, "Tivemos um grande orgulho em participar numa prova como esta, com um pelotão internacional com

selecções de Portugal, Espanha, Polónia, República Checa, Hungria e um representante dos USA" ou "Ficamos na memória, para toda a vida, fazer parte de um

pelotão, em que todos têm o mesmo objectivo, mesmo que pela fala não entendam o companheiro do lado ou da frente, e em que por vezes, sendo necessário dar

um "chega pra lá" para evitar uma queda, haverá que encostar-lhe a mão, tal como para os mudos, quando não se entende nem o grito de ataque nem a ordem para ir buscar o fugitivo, (falando numa linguagem de ciclista).

No que toca à organização, não há palavras para descrever, e agradecer, a forma como todos, desde a Direcção da ANDDEM e as Câmaras Municipais de Estremoz, Fronteira e Sousel, a patrocinadores e a colaboradores, contribuíram para este evento magnífico, devendo ser ainda salientado o papel dos já acima citados associados da ADFA, Rui Bernardo (Comissão Técnica) e José Pavoeiro (Coordenador Geral).

Quanto a resultados, que todos foram ganhadores, de referir que o campeão europeu foi o português André Penedo, tendo a selecção nacional vencido por equipas.

A lamentar, mais uma vez, a ausência dos órgãos de comunicação social nacionais, pese embora ter-se tratado de um campeonato a nível europeu, e como tal divulgado nos outros países, quer nos de escrita, falada ou televisiva (por cá, excepção feita a "Brados do Alentejo", local, e a ELO). Mas não é de espantar, onde, entre muitas outras áreas, o desporto é só quase considerado a pontapé...

Finalmente, um grande "Bem-haja" a quem patrocinou a equipa da nossa associação, que hoje se orgulha de ostentar no seu equipamento "ADFA-Tortas de Azeitão".

Farinho Lopes



Museu da Guerra Colonial

Tel.: 252 32 28 48 Fax: 252 37 63 24
E-mail: info@adfa-famalicao.rcts.pt



Ponto de Encontro

Actualize-se!

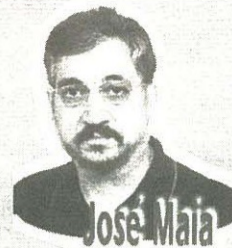
www.adfa-portugal.com/public.html/ponto_encontro.html



Reflectindo



ADFA



José Maia

Ano de 2005 DC – Portugal, dia 10 de Junho...

Outra vez, um conjunto de personalidades foram escolhidas – quero acreditar que, com critérios sérios –, para receberem das mãos do sr. Presidente da República, as condecorações que marcaram o dia de Camões.

Bem no fundo, sente-se que o simbolismo associado à data, é celebrado em tons baixos.

Não se põe em causa o mérito de um ou outro seleccionado por Jorge Sampaio, mas é uma atávica falta de visão, manter apenas comendável, figuras que já têm êxito socialmente reconhecido.

Cerimónia aqui e ali, nalgumas ocasiões temperada com o sal emocional de uns tantos, mesmo que aleijadinhos que sempre ajudarão a compor a coisa!

Algumas das milhares de personagens que sofrem e sobrevivem neste país europeu – de pais e mães coragem que, apesar das dificuldades e do desemprego que

o assola, conseguem manter a família mais ou menos estruturada e filhos a estudar, e se revêem nas centenas de bombeiros que ano após ano combatem os incêndios de Verão –, acham-se recompensadas pela cerimónia anual, bafienta, onde se distribuem medalhas a gente que, apesar de alguns méritos que com certeza terão, é sempre mais do mesmo.

Nas freguesias do interior, o fogo avança, destrói e mata, enquanto os meios aéreos aguardam ordens do Terreiro do Paço e os resplandecentes submarinos se espreiam nas águas do Tejo devidamente ataviados esperando pela gala oficial de apresentação pública.

Consome-se o País. Para o ano haverá outro 10 de Junho. E o exército enorme de homens e mulheres que, desde os subúrbios das cidades até ao vale mais recôndito, entre serras e montes, faz horas a

fio de gigantesco esforço, de lar em lar, de sol a sol, com um sorriso triste de amizade genuína e competência solidária, contando os cêntimos que pagarão a escola dos filhos, mas em que momento se irá rever?

Também aqui, a visão que se dá da Nação, nestes eternos agradecimentos de Chanel, é redutora e desfocada da verdade.

Contrabalançando os 12 meses, com os tais "Anos internacionais" disto e daquilo, fixa-se o pensamento da hipocrisia do Estado. Tudo acontece e na verdade nada se faz.

Mas é, exactamente, para as heroínas e os heróis da rotina desigual, que os tais anos e dias internacionais continuam sem fazer sentido. Teimam no trabalho do dia a dia, desligando-se dos panfletos político-publicitários, labutando e lutando para, apesar de tudo, fazer dos filhos gente de bem.

Breves

De uma entrevista do ministro da Defesa Nacional (Luís Amado) ao Expresso, em 4 de Junho último:

"(...) Expresso – Quando foi à comissão parlamentar surgiu a notícia de que haveria um "buraco" na Defesa de 500 milhões de euros; soube-se também que o orçamento não contemplava verba para pagar os dois helicópteros EH-101 que deveriam vir em Maio. Como encontrou a Defesa?

Luís Amado – Há problemas orçamentais, embora eu não tenha referido esse valor. Há problemas na área das pensões – quer o fundo de pensões quer o dos ex-combatentes não estão devidamente orçamentados – e há problemas pontuais de suborçamentação, designadamente na área da saúde militar. E no âmbito da gestão flexível do orçamento do Ministério, teremos de encontrar, a

curto prazo, solução para os helicópteros. Há questões orçamentais de natureza estrutural, como a das pensões, pelo facto do seu financiamento estar dependente de uma consignação de receitas de alienação de património das FA que não foi bem equacionado nem bem gerido ao longo destes anos.

Expresso. – Vai prosseguir com a alienação de património?

Luís Amado – É um dos sectores que exige uma resposta imediata. Tem sido muito deficientemente gerido ao longo dos últimos anos, sobretudo se tivermos em consideração que se foram consignando receitas virtuais decorrentes de alienação de património para compromissos que entretanto estão a correr. Veja-se o fundo dos ex-combatentes, que não está constituído precisamente porque o processo de alienação

não o permitiu. Os pagamentos que foram feitos em 2004 foram assumidos pela Caixa Geral de Aposentações e pelo Fundo de Garantia da Segurança Social, mas sem que o fundo. – e cá está também, relativamente a 2005, uma dotação prevista de 35 milhões de euros necessários para responder aos compromissos desse fundo que não estão também orçamentados. A gestão do vastíssimo património das FA é sentida em todo o país, e atesta-o o facto de eu já ter tido a possibilidade de receber pedidos de audiência e contactos de presidentes de câmaras e governos regionais, por causa de elementos do património que estão degradados ou desocupados. É um dos aspectos de reforma, de racionalização da administração, que se impõe neste momento. (...)”

As intenções sérias, meditadas e equacionadas, sofrem, muitas vezes, torpedeamentos intelectualmente desonestos que pretendem, tão somente, o desacreditar de pessoas e estruturas, a quem o voto e as provas dadas atribuem a insígnia generalizada da dignidade e credibilidade.

Desabaços viperinos, insinuações insultuosas, difamações, injúrias e, até, torpes ameaças, nada vai entrar a linha de conduta global de verdade e projecto continuado que a Direcção, e os restantes Órgãos Nacionais, assumiram e herdaram de uma cultura associativa, que tem feito da ADFA a associação de referência e seriedade, que a caracteriza e como é reconhecida, interna e externamente.

A propósito, e como testemunho de tal crédito, não resistimos a transcrever parte do discurso do almirante Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas, perante as mais altas figuras do Estado e as forças em parada, no "Dia das Forças Armadas":

"Nesta evocação do passado, que só pode orgulhar-nos e motivar-nos pela honra e pelo exemplo, presto igualmente homenagem a todos os que sacrificaram ao serviço da Pátria o bem mais precioso que poderiam oferecer: a sua própria vida!

Não posso igualmente deixar de recordar as dezenas de milhar de portugueses que, no cumprimento do dever militar foram feridos ou ficaram incapacitados. Muitos deles continuam a dar generosamente o seu contributo válido à sociedade.

Estou ciente que o exemplo patriótico de todos eles, uns e outros, não será esquecido e que os valores e ideais por que se sacrificaram, no exercício da condição militar que assumiram, continuarão a ser o esteio firme que honra e enobrece as Forças Armadas Portuguesas."

De forma mais sucinta, mas não menos objectiva, se pronunciou o ministro da Defesa Nacional, na mesma cerimónia, reforçando as palavras daquele chefe militar, reflectindo também o respeito que nutre pela nossa "Casa", num parágrafo vincado de sentido e intenção, relativo ao desenvolvimento da política de Defesa:...

"Devem, pois, merecer-nos especial atenção a adequação da formação e a dignificação da condição militar, como elementos essenciais para a consolidação do modelo de profissionalização em vigor. Sem esquecer naturalmente, na medida do possível, os compromissos assumidos com os ex-combatentes e, em especial, com os deficientes das Forças Armadas."

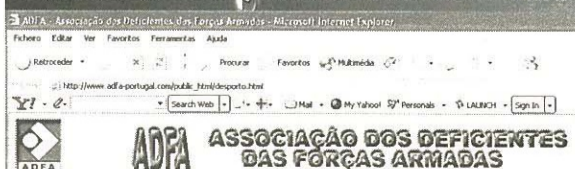
Por outro lado, a DN sentiu o elevado nível de estima que lhe foi transmitida, pelas altas hierarquias políticas e militares presentes, destacando a do Presidente da República que, no seu cordial tom de incentivo e afabilidade, nos saudou detidamente, reconhecendo nós, claramente, que a sua presença na nossa Sede Nacional, nas comemorações do 30.º aniversário, constituiu a pedra de toque para esta ampla abertura, que acaba de ser manifestada publicamente, numa clara afirmação da nossa integração na "família militar", com elevado contributo para o seu orgulho.

Porque a verdade fere como uma lâmina e a seriedade é o esteio dos homens de boa fé, seguiremos caminho com a consciência tranquila, com a noção do dever cumprido e a certeza do que nos compete acabar de cumprir.

A Direcção Nacional

Em www.adfa-portugal.com está à disposição o renovado sítio na net, da ADFA, interactiva.

Pareceres e sugestões são bem vindos!



Desporto

ÉVORA

Campeonatos nacionais de orientação pedestre

Vai decorrer em Elvas, nos dias 2 e 3 de Julho próximo, a prova indicada, com a presença da equipa da ADFA/Évora, integrada por alguns dos melhores atle-

tas nacionais, entre eles o já carismático tri-campeão Marco Póvoa.

Este encontro visa apurar os campeonatos nacionais absolutos, masculino e

feminino, estando os nossos atletas com legítimas aspirações ao sucesso, dados os bons resultados alcançados nos últimos campeonatos de estafetas,

onde a nossa equipa ganhou 5 dos 10 escalões em competição: seniores masculinos e femininos, veteranos masculinos I e II, e juniores masculinos.

NÚCLEO CASCAIS

Vela adaptada, vela sem limites

Com um arranque de processo em Outubro de 2004 e a assinatura de protocolo entre a Câmara Municipal de Cascais, a CERCICA e o Clube Naval de Cascais, foram criadas as condições que permitem bem cimentadas, para que esteja criada a estrutura base para a prática regular de vela adaptada na baía de Cascais.

Iniciada a prática em barcos duplos, sendo que o portador de deficiência é sempre acompanhado por um voluntário já com experiência de vela, passa-se, ainda no mesmo tipo de barco, para dois velejadores com deficiência, ainda que sempre acompanhados por barco de apoio, terminando-se em barco singular, permitindo aos agora já "solitários", um sentido de liberdade que dificilmente se consegue/conseguiriam em

terra. E, ainda que para muitos impensável, é possível a um tetraplégico, por exemplo, chegar a este estado de "graça", por meio de controlos eléctricos especiais que permitem comandar facilmente o barco. A mais longo prazo, a competição, as grandes provas e campeonatos europeus e/ou mundiais, os paraolímpicos (*) ... (a propósito, o actual vice-campeão mundial na classe Acess chama-se Bento Amaral e, claro, é português).

"Mais do que pequenos barcos a navegar no horizonte, a vela congrega em torno de uma prática recreativa, desportiva e terapêutica, todos os elementos de uma comunidade. Permite não só integrar as pessoas com deficiência, como facilitar a compreensão da deficiência pela comunidade em geral." sintetiza o

espírito do projecto "Vela sem limites" que está ser incrementado em Cascais e ao qual podem aceder, numa 1.ª fase, instituições concelhias, numa 2.ª, organizações extra concelhias e, por fim, numa 3.ª, a título particular pessoas com deficiência, sendo que a participação é sempre gratuita, no entanto com inscrições limitadas.

Dos associados pertencentes à área do núcleo de Cascais, quem estiver interessado deverá dirigir-se ao Departamento de Assuntos Sociais da delegação de Lisboa, para mais esclarecimentos e, eventualmente, preencher já a sua ficha de inscrição.

(*) - porque ELO aguarda ainda o artigo prometido, aquando dos de 2004, justificando "Paralímpicos", até ao seu recebimento voltamos a este termo.

OUTROS

1.º lugar no Campeonato da Europa de Boccia 2005

Conforme já anunciado, nomeadamente em "Informação na hora" da página net da ADFA, realizaram-se na Póvoa do Varzim, de 12 a 18 de Junho p.p., os campeonatos europeus de boccia, com a presença de 121 atletas em representação de 18 países (Áustria, Bélgica, Croácia, Dinamarca, Escócia, Eslováquia, Espanha, Finlândia, Grécia, Holanda, Hungria, Inglaterra/País de Gales, Irlanda, Islândia, Noruega, República Checa, Suécia e Portugal), o que os tornou, até ao momento, os maiores de sempre.

Demonstrando, se tal fosse preciso, que não foi por acaso que Portugal con-

quistou excelentes resultados quer a nível europeu e mundial, quer a paraolímpico, também desta vez se afirmou o favoritismo da selecção nacional, obtendo o 1.º lugar na classificação geral, mercê das 4 medalhas de ouro e 3 de prata obtidas, e assim distribuídas: Individuais BC1 - 2.º lugar - António Marques (entre 32 competidores). Individuais BC2 - 1.º - Fernando Ferreira (34); Individuais BC4 - 1.º - Bruno Valentim, 2.º - Fernando Pereira (21); Equipas BC1/BC2 - 1.º Portugal (15); Pares BC3 - 1.º - Portugal (11) e, Individuais BC4 - 2.º - Portugal (7).

Mas...

CONGRESSO DA ACTIVIDADE FÍSICA, DA SAÚDE E DO BEM-ESTAR

Dentro da campanha "Agita Portugal - pela sua saúde mexa-se", implementada no nosso país pela Confederação Portuguesa das Colectividades de Cultura, Recreio e Desporto (CPCRD), na sequência da proclamação, pela Organização Mundial de Saúde, de 2002 como "Ano Internacional da Actividade Física da

Saúde e do Bem-estar", realizou-se, de 3 a 5 de Junho p.p., no Cine-teatro São João, em Palmela, um congresso subordinado a tal temática, o qual contou com o apoio de diversas instituições oficiais e particulares, bem como com a participação de conhecidos nomes de áreas afins, tais como saúde e desporto.

Constatando-se a elevadíssima taxa de sedentarismo existente em Portugal (70% contra 10% na Finlândia, por exemplo), do manifesto final aprovado

EQUITAÇÃO ADAPTADA

Apuramento de Sara Duarte

- IV Campeonatos de Espanha de Dressage - Com vista ao apuramento para o campeonato da Europa, a realizar-se neste mês (Julho), em Helsínquia (e já com o espírito colocado nos Paraolímpicos 2008), Sara Duarte, a cavaleira nacional de equitação adaptada que já representou Portugal nos europeus de 2002 e nos mundiais de 2004, esteve, de 21 a 26 de Junho p.p., em Espanha, onde disputou os campeonatos acima mencionados.

E se, para bem da nossa tão "requisitada" auto-estima, foram vários os apoios não oficiais que se tiveram que conseguir, muitos mais terão que aparecer para que o futuro desta talentosa



atleta não comece já a ser passado...

De salientar que Sara Duarte, com apenas 21 anos de idade, além do hipismo, frequenta a Faculdade de Farmácia da Universidade Lusfada, embora portadora de paralisia cerebral com 72% de incapacidade.

permitimo-nos destacar o seguinte parágrafo:

"Está hoje bem demonstrado em termo internacionais e através de experiências científicas absolutamente fiáveis que a prática regular da actividade física, desde que devidamente orientada e controlada, constitui um factor decisivo para a prevenção de um número significativo de doenças graves, do aumento da produtividade, da longevidade do adulto como trabalhador, de melhoria da saúde de toda a

população e de um melhor e mais completo crescimento do criança. De facto, são estas as finalidades a que os clubes desportivos, colectividades e outras associações desejam dar resposta."

Por coincidência, também a entidade organizadora salientou a falta de interesse da comunicação social por esta reunião, até porque se reconhece que "... se (aquela) não divulgar é quase como se não existisse (o evento)."



Promessas

Mais de trinta anos depois da "revolução dos cravos", do 25 de Abril libertador, hei-nos aqui, volvido este tempo todo, a clamar que seja feita justiça aos deficientes militares, para que a esperança não se vá, continuando bem viva nos nossos corações, e os sonhos de uma vida não se desvançam.

Nunca, como nestes tempos modernos, a sede do poder atingiu níveis de tamanha grandeza, com direitos adquiridos para suas excelências do poder, aniquilando todos os outros abaixo, que pagam "as favas", tirando-lhes até as cenouras ou os tomates, de que sobrevivem.

Nunca, enquanto ocupa espaço e tempo para nos/se divertir, deixou de crescer no nosso coração a verdade, a transparência e a dignidade da natureza humana e digna! Fizeram-nos crer em tantas coisas! Com as promessas feitas, desde há mais de trinta anos atrás, chegámos a acreditar que as leis aprovadas e isso de direitos adquiridos, eram para todos, mas afinal ficámos apenas a saber que são só para os de lá de cima, os do poder.

Os acontecimentos dos dias que hoje vivemos, portanto actualizados e fresquinhos, são-nos apresentados com tamanha velocidade que ficamos aprisionados e deixamos de ter sereni-

dade, capacidade e tempo para nos realizarmos como pessoas livres e com direito de assumir o nosso destino de bem fazer e servir os outros.

Governos, promessas, mentira atrás de mentira... E quando assim é com políticos e com políticas, o que transparece para a opinião dos cidadãos é o descrédito total. E se, afinal, assim não for, expliquem-nos como é que num ciclo, os políticos pedem sacrifícios aos portugueses e quando depois nos dizem, e fazem crer, que já está efectuada a recuperação económica e financeira do país, dissolve-se o parlamento, há eleições e vem outro governo de portugueses que afinal não era assim e que temos que "apertar ainda mais o cinto" porque a /crise continua! De uma vez por todas, é necessário reconhecer que não se constrói o futuro e o progresso alicerçados em mentiras e em omissões. Olhando para trás, o pior foi esta degradação da política construída em rede de clientelismos, de amigos mais ou menos influentes, sem a vigilância crítica de um povo inteiro, em que uns têm direitos adquiridos e outros só deveres!

Como se sabe, os responsáveis da ADFA, Direcção Nacional, efectuaram reuniões com os chefes militares, ministro da Defesa Nacional e respectivo secretário de Estado, grupos parla-

mentares e presidente da Assembleia da República ouvindo, mais uma vez, a garantia de que os direitos dos deficientes das Forças Armadas são um dever nacional e, como tal, a promessa de intocáveis. Mas, de facto, sabe-se que tal não é verdade e que, no momento em que a ADFA se multiplica em reuniões, os direitos intocáveis já deixaram de o ser, não se tentando nada para fazer ver aos senhores governantes que a assistência está a ir e que o IASFA já se foi, as promoções e as graduações são só para alguns, pelo que, afinal o direito de ser igual, consagrado na Constituição da República, deixa de o ser. Bem assim, aliás, a importância da questão dos que já descontam das suas magras pensões para o IRS e toda outra vasta área legislativa mencionada em artigos saídos no ELO, nomeadamente no último.

Quem gerou a crise, que a pague. A ADFA, sozinha ou acompanhada com outras associações militares e de ex-combatentes, tem por direito próprio o estar sempre na defesa dos valores de todos os seus associados e não se deixar levar por mais promessas. Levaram-nos a saúde, que querem mais?! Os deficientes das Forças Armadas exigem apenas, e só, os seus direitos! Por Portugal!

Notícias

Audiência com Presidente da AR

No seguimento de um pedido de audiência, foi recebida em 30 de Maio último pelo presidente da Assembleia da República, uma delegação da ADFA composta pelo presidente, 1.º e 2.º secretários da DN.

Para além do seu carácter protocolar, esta audiência tinha como objectivo dar a conhecer à segunda figura do Estado a actual situação da ADFA e dos deficientes em geral, e fazer o ponto de situação quanto às reivindicações legislativas.

A nossa delegação pôde constatar o bom conhecimento que o dr. Jaime Gama tem dos DFA e seus problemas, conhecimento que não deriva apenas da sua passagem pelo ministério da Defesa Nacional e pela Comissão Parlamentar de Defesa, mas também do interesse que sempre dedicou à nossa causa.

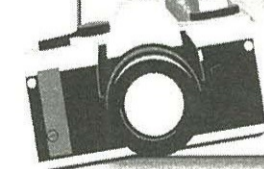
O presidente da AR ofereceu a sua disponibilidade para o bom encaminhamento das nossas reivindicações, reiterando a necessidade de preservar a especificidade militar e reafirmando que aos deficientes militares são devidos, não só o respeito e gratidão da Pátria, mas também a concretização das medidas tendentes à reparação e reintegração na sociedade.

Foi sobretudo de salientar, além do conhecimento de causa do dr. Jaime Gama, o tom cordial com que decorreu a audiência.



A acessibilidade a edifícios públicos começa a ter uma maior visibilidade, esperando-se que o exemplo deste fórum privilegiado de discussão e decisão, possa conduzir a melhores e mais rápidos resultados

FOTOLEGENDA



O ministro da Solidariedade Social, a secretária de Estado da Reabilitação e um representante do ministro dos Transportes, estiveram presentes na reunião do CNRIPD, na Sede da ADFA, em 27 de Junho p.p., garantindo o interesse e empenho do Governo nesta tão importante área social

Delegações

CASTELO BRANCO

Reunião na Câmara Municipal da Covilhã

Os presidente e secretário da direcção reuniram, no passado dia 1 de Junho, com a vereadora do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal da Covilhã, a fim de aquilatar da possibilidade da extensão do Cartão Municipal

Social, daquela autarquia, aos associados da nossa delegação residentes naquele Concelho.

Oportunamente será dado conhecimento das conclusões desta iniciativa.

COIMBRA

Passeio ao Alentejo

Conforme já noticiado no ELO anterior, vai realizar-se, no dia 23 de Julho, um passeio ao Alentejo (não profundo), cujos programa e itinerário se repetem, para conhecimento dos interessados nos ainda (poucos) lugares disponíveis.

Assim, partindo-se de Coimbra às 7H00, a concentração far-se-á pelas 6H45 junto ao Estádio Universitário/Mondegó, tomando-se o pequeno-almoço, em grupo, já no caminho, quando e onde se encontrar local aprazível, pelo que será conveniente levar farnel... farto, tal como se prepara para ser o almoço, na delegação de Évora: entradas (orelha de vinagreta, queijo alentejano - pois, queriam doutro?! -, chouriço e morcela assados, azeitonas), sopa de cação, borrego assado no forno com salada e batata frita, salada de fruta e os celebrados "morgados" (doce da região), pão (alentejano, pois claro!), bebidas (vinho - daquele que muitos consideram,



com certeza, o melhor de mesa do país! -, cerveja - que desperdício de ocasião... -, águas e sumos), café e bagaço. Estes alentejanos...

O preço individual, já incluindo almoço, é de 35,00 euros, devendo a inscrição ser feita, quanto mais cedo melhor - não vá o diabo tecê-las, ou seja, querer ocupar dos poucos lugares vagos -, na delegação ou no núcleo de Leiria, pelos telefones 23 981 46 44 ou 24 482 35 21.

LISBOA

4.º aniversário da delegação

Em celebração do 4.º aniversário desta delegação decorrerão no próximo dia 12 de Julho (3.ª feira) os seguintes eventos:

Na sede da ADFA, em Lisboa, realiza-se um colóquio subordinado ao tema "Os deficientes militares no actual momento político da sociedade", face à conjuntura política e económica, pelas 16h00, seguido de: 20H00 - jantar/convívio com convidados e associados (ementa - carne/peixe, sobremesa e digestivos, com preço único de 10 euros). No dia 16 Julho (sábado) haverá pelas 13H00, um almoço/convívio associativo, com sardinhas assadas, febras e bebidas, por 5 euros, no restaurante da Sede Nacional. O dia 17 Julho (domingo) contará com o Concurso de Pesca de Mar. 07H00 - concentração junto ao pilar da Ponte 25 de Abril (em

Alcântara), seguindo-se sorteio dos pesqueiros; 09H00 - início da prova; 13H00 - fim da prova, com pesagem do peixe nos pesqueiros. Almoço, após a chegada ao edifício da ADFA (feijoadá à transmontana, com preço único de 5 euros), seguido da entrega dos prémios.

Cicloturismo: 08H30 - concentração dos participantes na Sede da delegação; 09H00 - início do passeio com destino a Belém, havendo paragem, junto ao Monumento aos Combatentes do Ultramar, para deposição de uma coroa de flores, guardando-se então um minuto de silêncio em memória aos seus mortos. Seguir-se-á depois para o Parque das Nações, fazendo-se aí uma paragem de 15 minutos, estando prevista a chegada ao ponto de partida pelas 12H00, onde se fará a entrega de lembranças.

PORTO

Piquenique/festa da delegação

A direcção da delegação vai levar a efeito, no próximo dia 24 de Julho, o piquenique/festa da delegação, em Santa Maria da Feira, no Parque da Capelinha de Santo Ovídeo, na freguesia da Corga do Lobão.

Pretende-se reunir neste convívio os associados, e familiares, de toda a área da delegação do Porto, bem como quaisquer outros que queiram aparecer e que serão sempre bem vindos.

Programa: 10H00 - início do convívio com a recepção aos participantes; 12H30 - almoço-piquenique; 18H00 - reforço...

Fornecendo a organização, como é habitual, o "combustível" (fêveras e entrecosto assado, broa e bebidas, para o almoço, + sardinha e caldo verde, para a ...merenda), deverão os participantes levar a sobremesa, para além de qualquer "especialidade caseira" ou regional (para consumo próprio ou troca de degustações...), pratos, talheres e copos, guardanapos, mesas e cadeiras, boa disposição, harmónios, violas e outros que tais, etc. etc...

Inscrições: delegação - Serviço de Atendimento (22 834 72 01) e núcleo de Santa Maria da Feira.

Convívio em Paços de Ferreira

Teve lugar, no passado 18 de Junho, o 17.º encontro-convívio dos associados residentes nos concelhos de Paredes e de Paços de Ferreira.

O almoço realizou-se em Paços de Ferreira e decorreu em ambiente de grande confraternização, numa manifestação de elevado espírito associativo.

Elementos de todos os Órgãos Sociais da delegação estiveram presen-

tes, integrando-se num evento que já ganhou fortes raízes regionais.



Viagem à Galiza

Um grupo de associados, e seus familiares, da delegação do Porto, integrando ainda elementos das delegações de Vila Nova de Famalicão e de Coimbra, efectuaram um passeio à vizinha Galiza, nos dias 10,11 e 12 de Junho p.p..

Os participantes, para além de apreciaram as magníficas paisagens galegas, tiveram oportunidade de saborear a rica gastronomia da região, aproveitando ainda para, "em paz e sossego", desfrutaram de uns agradáveis e saudáveis dias de convívio associativo.



UISEU

Visita ao Santuário de Fátima e ao Monumento à Mulher em Leiria

Este ano a nossa peregrinação a Fátima - aonde os associados, e famílias, se sentem bem, vivem a Fé, e aí, através da Virgem, podem chegar ao além -, terá mais uma motivação que é visitar o Monumento à Mulher, na cidade de Leiria, que foi erigido em homenagem a todas as mulheres dos combatentes, em especial àquelas que mais sofreram e mais sofrem, que são as mães, as esposas, as companheiras

e todas as que ainda vivem e continuam a sentir as marcas, as sequelas da guerra.

A visita será no dia 21 de Agosto, com partida, junto das instalações da delegação, pelas 7H00.

Chama-se a atenção de todos para que as inscrições estão abertas só até ao dia 5 de Agosto, através do telefone 23 241 60 34 ou telemóveis 91 935 67 41 e 91 736 60 82.



SERVIÇOS

COIMBRA

Campismo

Funciona nesta Delegação a secção de Campismo, que trata de todos os assuntos com ele relacionados: cartas de campista (emissão e renovação), incluindo jovem e internacional. Existe uma carrinha de 9 lugares, para apoio à Delegação e aos seus associados.

ÉVORA

Restaurante

Bar

Aberto de Segunda a Sexta das 8:00h às 19:00h e aos Sábados das 08:00h às 13:00h

LISBOA

Administrativos

Secretariado administrativo, Célia Miguel, das 09:00h às 18:00h, fechando para almoço das 12:30h às 14:00h
Secretaria/atendimento, Maria José e/ou Santos Silva, das 09:00h às 18:00h, fechando para almoço das 12:30h às 14:00h

Acção social

Tenente Coronel Silvério Rodrigues
Assistente Social - Dra. Susana Reis
Horário de atendimento das 09:00h às 18:00h, fechando para almoço das 12:30h às 14:00h

Apoio jurídico

Dra. Inês de Castro
Horário de atendimento: 9H00 às 13H00 - todos os dias (atende por marcação)

Tesouraria

Valdemar Monteiro
Horário de atendimento das 09:30h às 16:30h, fechando para almoço das 12:30h às 14:00h

Serviços clínicos

Atendimento, Recepção e Marcação de Consultas:

Maria Filomena Brandão
Telefone Directo: 21 751 26 12

Valências Clínicas Clínica Geral

Dr. Fernando Brito - 2ª feira (13H00) e 5ª feira (13H15)

Urologia

Dr. Paulo Vale - 5ª feira (09H00) quinzenalmente

Fisiatra

Dr. Barros Silva - 4ª feira (09H30)

Análises Clínicas

6ª feira (09H00 às 10H00)

Fisioterapia

Sargento Mor Henrique Louro- todos os dias (08H30 às 12H30)

Medicina Dentária

Dr. José Eduardo Antunes - 3ª feira (09H00 às 18H00)

Serviço Protésico

Técnico Carlos Lopes - 4ª feira (09H00)

Psiquiatria

Dra. Margarida Botelho - 3ª feira (08H30 às 12H30)

Psicóloga Clínica

Dra. Teresa Infante - todos os dias (09H00 às 18H00)

Animação/Desporto...

Conceição Valente
- Secção de Pesca
- Secção de Cicloturismo

Restaurante

Restaurante/Self-service
Funcionamento de segunda a sexta-feira das 12H15 às 14H15

Nota: Área aberta a associados, familiares e amigos, podendo ser efectuada marcação prévia tanto para área do self-service, como para a área do restaurante.

Bar

Funcionamento de segunda a sexta-feira das 9H00 às 18H00

Nota: O bar está aberto a associados, familiares e amigos.

Património/viatura

Património - Célia Miguel
Motorista - João Margarido

PONTA DELGADA

Restaurante

Serviço de bar, aberto das 8h às 12h e das 13h às 17h

PORTO

Administrativos

Dias úteis: das 09H00 às 17H30, com intervalo de almoço das 12H30 às 13H30.

No 1º Sábado de cada mês das 10H00 às 17H00, com intervalo para o almoço das 13H00 às 14H00.

Telefone: 228347201

Serviços clínicos

Psicologia - Dr.ª Graciete Cruz

Marcações pelo telefone: 228347202

Psiquiatria

Médico: Dr. Neves de Sá

3ª Feira - das 14H30 às 17H30

Marcações pelo telefone: 228347202

Clínica Geral

Médico: Dr. Moreira Martins

5ª Feira - das 10H00 às 12H30

Marcações pelo telefone: 228347202

Apoio jurídico

Dr.ª Manuela Santos

De 2ª a 6ª feira

Marcações com a própria

Acção social

Dr.ª Margarida Marques

2ª Feira - das 13H30 às 17H30

3ª Feira - das 13H30 às 17H30

4ª Feira - das 13H30 às 17H30

5ª Feira - das 09H00 às 12H30

6ª Feira - das 09h00 às 17H30

Marcações para atendimento com a própria

Património/viatura

Apoio a aquisição de viaturas com isenção de impostos: Elisabeth Couto

Restaurante

Dias úteis e 1ºs Sábados de cada mês

Telefone: 228347206

Bar

Dias úteis: das 08H00 às 19H00

Sábados: das 10H00 às 17H00

Telefone: 228347205

Serviços clínicos

Rastreo da próstata

O Serviço de Clínica Geral está a efectuar uma Campanha preventiva de rastreo à próstata.

O rastreo efectua-se às 5ªs Feiras das 10H00 às 12H30 com marcação prévia pelo telefone: 228347202

VILA NOVA DE FAMALICÃO

Administrativos

Horário de atendimento: de Segunda a 6ª feira - das 9.30 às 12.00 e das 14.00 às 18.00 horas.

Telefones: 252 322848 / 252 376323

Fax: 252 376324 Telemóvel: 91 9594527

E-mail: info@adfa-famalicao.rcts.pt

Serviços clínicos

Clínica Geral

Dr. Ricardo Lemos - à quarta-feira a partir das 17 horas, com marcação prévia - tel. 252 322848

Psicologia - Dr.ª Graciete Cruz

Contactar a delegação - tel. 25 322848

Apoio jurídico

Dra. Manuela Santos - contactar a delegação - telefone: 252 322848

Património/viatura

Apoio a aquisição de viatura com isenção de imposto - contactar a delegação: Albertina Pereira - telefone 252 376 323

UISEU

Administrativos


Segunda a sexta-feira das 9h00 às 12h00 e das 14h00 às 17h30. Telefone: 232 416034 Fax: 232 416829 E-mail: info@adfa-uisceu.rcts.pt

Apoio de secretaria

Apoio em todos os serviços de secretaria, jurídico, IRS, cartão GalpFrota, encaminhamento e apoio a consultas médicas, hospitais militares e civis. Apoio aos antigos combatentes.

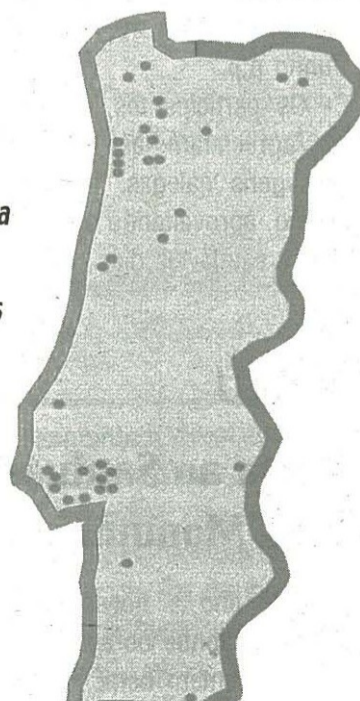
Património

Instalações próprias. Viatura.



Império Autocenter
N.º 1 EM CENTROS AUTO

Rede de lojas Império Autocenter



PNEUS	• Firestone	38 %
	• Dunlop	35 %
	• Goodyear	35 %
	• Bridgestone	33 %
	• Continental	30 %
	• Hankook	30 %
	• Toyo	30 %
• Yokohama	20 %	
• Michelin	10 %	
AMORTECEDORES	• Gabriel	30 %
	• Monroe	30 %
TRAVÕES	• Bosch	30 %
	• Brembo	30 %
	• Ferodo	30 %
ESCOVAS/VELAS / FILTROS	• Bosch	20 %
PÁRA-BRISAS	• Guardian	20 %
MECÂNICA GERAL	• Várias	20 %
MÃO-DE-OBRA	• Serviços	15 %

A Império Autocenter é uma rede de lojas que conta com cerca de 45 estabelecimentos de norte a sul, onde é possível efectuar toda uma série de serviços (pneus e serviços associados, focagem de faróis, testes de amortecedores) e adquirir componentes automóveis (baterias, amortecedores, sistemas de travagem, escapes, pára-brisas e outros), lubrificantes, carregamento de ar condicionado e auto-rádios.

Exclusivo para sócios com cartões identificativos da ADFA. As compras de serviços de mercadorias ou serviços superiores a 50 Euros, dão direito a um cheque de 10% para desconto em compras futuras

Rede de Lojas:
Zona Norte: Vinhais, Bragança, Chaves, Vila Real, Braga (5 centros), Ponte de Lima, Viana do Castelo, Arcos de Valdevez, Barcelos, V. N. Famalicão, Santo Tirso, Guimarães, Lordelo, Valongo
Zona Centro/Norte: Maia, Matosinhos (3 centros), Porto, V. N. Gaia, Aveiro - Cacia, Coimbra - Eiras, Viseu, Leiria (2 Lojas), Caldas da Rainha
Zona Sul: Lisboa - P. Stº Adrião, Lisboa - Sacavém, Lisboa - Algés, Lisboa - Cidade (4), Sintra - Trajouce, Alhandra, Palmela, Seixal, Vila Viçosa, Faro (2 centros)
Centro de Operações - Telefone: 253 240 640

HELP LINE
808 20 15 16

Episódios de guerra

Marcas do tempo

Volvidos cerca de vinte anos sobre o regresso de Angola, aconteceu o primeiro convívio da Companhia. Teve início num amplo restaurante onde um avultado número de pessoas, alheio ao evento, saciava o apetite.

O recém-chegado estava em pulgas para rever a sua gente. Não avisou na multidão os que procurava. Porém, não tardou que alguém o cumprimentasse. Mas, coisa extraordinária, embora tivesse identificado imediatamente o Messias naquela voz, fisicamente era-lhe estranho. Após aquele abraço o desconhecido/reconhecido levou-o até à rapaziada. Ao observar aqueles homens, que a frescura da juventude abandonara, teve a certeza que se esbarrasse com muitos deles, sem qualquer outro sinal que não o aspecto exterior, fora daquele encontro programado, também não os identificaria.

Despertou para a realidade. Esquecera, provavelmente no propósito subconsciente de aprisionar a mocidade de outrora, que as diferentes etapas da vida são percorridas de mãos dadas com o declínio natural cobrado pela idade, evidenciado nos estômagos proeminentes, cabelos brancos, calvícies e rostos cujas rugas apetecia passar a ferro. O aspecto físico, inerente à jornada africana, já era.

Afortunadamente, à medida que se olhavam, iam descobrindo, mesmo nas caras mais adulteradas, os traços fisionómicos, mais ou menos esbati-dos, que a memória guardara. Era uma "família" bem disposta a gozar o prazer de estar reunida a falar, sobretudo, do que melhor e pior aconteceu no Ultramar.

Mas não só a condição física se alterara...

Ocorreu-lhe que durante a guerra, em momentos críticos, algumas vezes ouviu o lamento: "ai minha mãe!" Que se lembre só o Barroso e o Pedroso divergiam. O primeiro evocava a esposa: "ai minha Céu!". O segundo a namorada: "ai minha Júlia!".

A certa altura da gratificante confraternização, numa de enaltecer o Barroso aos olhos de sua esposa, foi cumprimentá-la, junto dele, para lhe dizer: "saiba a senhora que sou testemunha de que o seu marido, nas horas de provação, tinha-a presente".

Não chegou a completar a frase, porque sadino, amigo de longa data do Barroso (e seu), ali presente, foi-lhe espetando os dedos nas costas logo que a sua revelação se tornou perceptível. Surpreendido, voltou-se para o "agressor" pretendendo protestar, mas logo inferiu, pela sua linguagem gestual, que ali havia gato.

Gerara um equívoco. O compreensivo Barroso foi-lhe explicando que a senhora que o acompanhava não era a D. Céu. Dela se havia separado. Embaraçado apresentou sinceras desculpas, prontamente aceites. Existisse ali um buraco e ter-se-ia enfiado nele.

Quanto à D. Júlia, então ausente, teve o privilégio de lhe transmitir em ano seguinte mensagem idêntica, mas com toda a segurança por conhecimento prévio da situação. Gato escalado...

Olhando para os rebentos, que orgulhosamente acompanhavam os pais, desejou, em surdina, que jamais os convertessem em carne para canhão de um qualquer conflito armado.

Obs.: foram atribuídos nomes fictícios às pessoas mencionadas.

João Santa Rosa, associado n.º 12.164

Associados falecidos



Bacar Camará

Associado n.º 10445
58 anos
Faleceu no dia 09/07/01

Residia em Bissau. Serviu na Guiné, como condutor auto.



David Augusto Lopes Ferreira

Associado n.º 4369
51 anos
Faleceu no dia 23/04/05

Residia na Avenida do Cristo rei 27-2.º dt.º, Almada. Deixou viúva Maria Teresa Neves de Barros Ferreira. Serviu no RIViseu.



Amadeu de Jesus Francisco

Associado n.º 5210
56 anos
Faleceu no dia 21/05/05

Residia na Rua da Amoreira 14, Loubagueira, Torres Vedras. Deixou viúva Maria da Glória dos Prazeres Domingos Francisco. Serviu em Moçambique, num BCav./RC7.



José Augusto Fernandes Soares

Associado n.º 6663
60 anos
Faleceu no dia 07/03/04

Residia na Quinta da Granja, Lagares, Penafiel. Deixou viúva Maria Lúcia da Fonseca de Sousa Andrade. Serviu na Guiné, BA 12.



Henrique José de Brito Guerreiro

Quinta-Nova
Associado n.º 12575
64 anos
Faleceu no dia 29/04/05

Residia na Rua dr. Jorge Mineiro lt. 7-3.º esq.º, Barcarena, Oeiras. Deixou viúva Conceição da Glória Martins Brandão Quinta-Nova. Serviu em Angola e Moçambique, no BCac. 477 e nas CPM 2490 e CArt. 3557.



Fernando Manuel Martins Nunes

Associado n.º 12962
62 anos
Faleceu no dia 27/05/05

Residia na Rua 5 de Outubro 27, Abrantes. Deixou viúva Maria Justina Lopes e Silva Nunes. Serviu em Moçambique, na CCac. 1552/BCac.1889.



Francisco Bernardino Plácido

Associado n.º 5857
60 anos
Faleceu no dia 07/11/04

Residia na Rua São José 184-r/c esq.º, Bairro dos Pedrenais, Odivelas. Deixou viúva Maria de Lurdes Ferreira da Costa Plácido. Serviu em Angola, tendo como unidade mobilizadora o RP2.



António Pereira de Figueiredo

Associado n.º 14627
57 anos
Faleceu no dia 11/05/05

Residia no Lugar da Azenha, Santo Espírito, Vila do Porto. Deixou viúva Maria Celeste Resendes de Figueiredo. Serviu na Guiné, tendo como unidade mobilizadora o DRM/PD.



Francisco José de Sousa

Antunes Carrega

Associado n.º 1844
58 anos
Faleceu no dia 18/06/05

Residia na Av. Dr. Augusto Beirão lt. 14, Castelo Branco. Deixou viúva Maria dos Santos Alves dos Reis Carrega. Serviu em Moçambique, na CCac. 2787. Era elemento suplente do Conselho de Delegação de Castelo Branco.



Hélio Hernâni Viriato

Associado n.º 3294
59 anos
Faleceu no dia 30/01/05

Residia no Largo 28 de Maio n.º 1, Portimão. Deixou viúva Elisa Alice Paiva da Cunha. Serviu em Angola, no RIZ1 (RINL).



José de Carvalho da Cunha

Associado n.º 6156
61 anos
Faleceu no dia 19/05/05

Residia na Urb. Senhora da Conceição bl. C n.º 349, Guimarães. Deixou viúva Maria da Conceição de Oliveira e Silva. Serviu em Angola, na CArt. 1411/BArt.1854.

Aos familiares e amigos dos associados falecidos apresentamos as nossas mais sentidas condolências



O menino da sua mãe

No plaino abandonado
Que a morna brisa aquece,
De balas traspassado
- Duas, de lado a lado -,
Jaz morto, e arrefece.

Raia-lhe a farda o sangue.
De braços estendidos,
Alvo, louro, exangue,
Fita com olhar langue
E cego os céus perdidos.

Tão jovem! Que jovem era!
(Agora que idade tem?)
Filho único, a mãe lhe dera
Um nome e o mantivera:
"O menino da sua mãe".

Caíu-lhe da algibeira
A cigarreira breve.
Dera-lhe a mãe. Está inteira
E boa a cigarreira.
Ele é que já não serve.

De outra algibeira, alada
Ponta a roçar o solo,
A branca embainhada
De um lenço...Deu-lho a criada
Velha que o trouxe ao colo.

Lá longe, em casa, há a prece:
"Que volte cedo, e bem!"
(Malhas que o Império tece!)
Jaz morto, e apodrece,

O menino da sua mãe.

por *Fernando Pessoa*



País de poetas que se diz sermos, excepcionalmente em relação a qualquer outro, celebramos o seu "Dia" homenageando o seu maior e universal vate, aquele que se immortalizando ao cantar os mais altos feitos da Pátria, e dela "as armas e os barões assinalados", acabou por com ela morrer, traído, esquecido e na miséria, ... ainda que também antigo combatente e deficiente militar.

Estranho, e triste, destino este que ciclicamente se vai reencontrando nas suas próprias incoerências e angústias, qual "fado" (que curiosamente, em tempos recentes, até aproveitou alguns dos mais maravilhosos versos daquele para se "intelectualizar"), cujas estrofes se vão repetindo ininterruptamente, como disco riscado pelo descuido, ou propósito, de quem o manuseia e conduz a música nunca deixada terminar.

No próprio dia 10, de manhã, a ADFa esteve, como vem sendo habitual, representada pelo presi-

Em Junho,



o "Dia de Portugal e das Comunidades Portuguesas" e os "do

dente da DN, na homenagem aos combatentes do Concelho de Oeiras mortos na guerra colonial, em cerimónia digna a que os toques de ordem militar devidos deram especial simbolismo e emoção.

Seguiu-se, já também com o 1.º secretário, a representação nas cerimónias junto ao Monumento aos Combatentes do Ultramar, em Belém, as quais se iniciaram pelas 11H45, após missa no mosteiro dos Jerónimos. Já com as Guarda de Honra e fanfarras formadas, e depois de recebidas pela comissão organizadora as várias entidades convidadas, assistiu-se a uma cerimónia religiosa ecuménica (padre católico e imã muçulmano), seguida imediatamente pelo discurso alusivo ao acto, proferido este ano pelo antigo combatente Miguel Horta e Costa.

Terminada esta primeira parte, entrou-se no momento solene da homenagem propriamente dita, com os vários toques, e vozes, de ordem, nomeadamente o sempre... arrepiante, porque não?, "a mortos em combate", colossal clamor de sentimentos no quase imperceptível acompanhamento do rufar dos tambores, o qual se prolongou pela primeira deposição de flores junto à lápide evocativa, pela mais alta entidade presente, a que se seguiram as de outras personalidades e organizações, num acto que se foi arrastando em alguma confusão, por fim quase ao sabor do improvisado, encerrando-se esta segunda parte com o tradicional desfile dos pendões, muitos deles "escoltados" por antigos combatentes.

Já com o pessoal muito disperso, assistiu-se à descida de paraquedistas, após a passagem de alguns aviões que operaram nas três frentes. Quem o desejou, pôde participar no piquenique convívio no relvado em frente, adquirindo ali mesmo o almoço.

Ainda no ano passado se fizeram no ELO algumas considerações sobre esta, melhor, a cerimónia de então, esperando que alguma coisa pudesse ser melhorada. Realmente, de início, e procurando informações como ela se iria desenrolar, pareceu que tal aconteceria. Puro engano, maior ainda na medida em que se julgou ter chegado a haver essa vontade. E, de facto, o que desde logo chamou a atenção (continuou a chamar...), foi o estado deplorável em se encontram as placas com os nomes dos mortos, muitos deles mal já se vendo, situação tanto mais chocante quanto, em alguns locais, parece ter havido mão de familiar ou de amigo que tentou pintar/restaurar o nome do ente querido, enquanto por outro lado, e sabe-se que uma solução foi proposta há já alguns anos, as flores deixadas no chão, junto às mesmas placas, rapidamente se espalham por todo o local, incluindo o espelho de água, não só não respeitando, considere-se assim, a razão da sua deposição, como ainda sujam e dão mau aspecto a um lugar que se pretende sempre digno.

Quanto à cerimónia em si, que por vezes se confunde com uma feira, mesmo de vaidades, se calhar com alguns verdadeiros heróis no lado errado, e de quezílias/antagonismos, que deixaram de ter qualquer razão de ser, se alguma vez a tiveram, avançamos mesmo com uma proposta concreta: para a deposição de flores, vão se chamando as várias entidades e organizações

reconhecidas, pela sua importância(?)/antiguidade, as quais vão-se alinhando, do centro para as pontas, alternadamente, colocando-se à sua frente os portadores dos ramos e atrás o seu pendão nacional, quando o haja, e apenas esse, após o que avançará a entidade que preside a depor a sua coroa, sendo que logo após a saída

Honra eterna aos nossos mortos

A ADFa está presente, através dos seus presidente e 1.º secretário da Direcção Nacional e, muito especialmente, representada pela sua bandeira que ostenta as insígnias da Ordem de Mérito com que está agraciada.

A ADFa está presente, como julga que já o deveriam estar as mais altas autoridades da Nação, passados mais de 30 anos sobre o 25 de Abril, num assumir da consciência pátria, na maior dignidade para com aqueles que serão os maiores de todos nós, os nossos mortos, que queremos eternamente honrados.

desta, e a uma ordem precisa, avançarão todos ao mesmo tempo a depositar as suas flores, mantendo sempre a linha, regressando aos seus lugares, a nova indicação (toque e/ou voz), em fila conforme a ordem em que então ficaram, entidades para um lado, pendões para outro; poder-se-á pensar numa segunda linha, com ou sem chamada, e sendo os próprios os portadores dos ramos, para representações a nível de batalhão, companhia e outras; claro que haverá, e tal foi ponderado, que mudar o posicionamento das forças em parada e da fanfarras, podendo as mesmas ficarem na parte traseira do monumento, no passeio das placas, o que talvez até desse um melhor enquadramento à cerimónia, até no aspecto de canalização do som. Há um ano para pensar, mas continuar assim, não.

A finalizar, uma questão que se crê ter aflorado já o ano passado, ainda que muito levemente, sem certeza de ter sido sobre esta cerimónia, mas que muita confusão nos faz, 31 anos que são passados já sobre o 25 de Abril: será que certas autoridades, nomeadamente o Comandante Supremo das Forças Armadas, ainda não ultrapassaram o fantasma do 10 de Junho no Terreiro do Paço, última grande parada de um império já inexistente, e o chocante da entrega de medalhas, não tanto aos "heróis", mas sim aos pais, às viúvas, aos órfãos? Afinal condecorações



igal, de Camões des", mas também ombatente"



sempre continuam a ser entregues nesta data, e ainda que inicialmente a homenagem aos combatentes tenha tido um cariz um tanto ou quanto duvidoso, é altura de se assumir, oficialmente, o preito e gratidão que a Pátria lhes deve, "agarrando" e elevando esta cerimónia ao mais alto nível, até para se acabar com a situação cari-



cata de a ela estar presente um representante da Monarquia, e nenhum (ou em vez de um) da República, enquanto tal...

Também no dia 10, o presidente da DN esteve no Palácio da Ajuda, a convite do dr. Jorge Sampaio, na cerimónia de entrega de... condecorações.

Mas dias depois, em tempo de festejo de homenagem a outro grande português, que sendo apenas combatente pelo dom da palavra, chegou a coronel em Portugal e a general no Brasil, embora que durante séculos "ausente sem licença", uma série de três mortes abala a vida política e intelectual portuguesa.

A primeira, a de alguém cuja utopia, quase se faz loucura, na crença de que, no país que amava, podia ter uma sociedade justa e igualitária; a segunda, que na exaustão da pergunta de que se venceu ou perdeu, inquestionavelmente se terá que responder com a primeira, não só pelo reco-

nhecimento de uma coerência quase extinta, como também, infelizmente, porque as razões da sua luta permanecem válidas e acrescidas numa "civilização" em que continuam a dominar, e quantas vezes a aumentar, a pobreza, a ignorância, a fome, a violência, a par do egoísmo, do comodismo, da indiferença; a terceira, a de alguém que, através da escrita de sentimentos, será o único imortal entre todos, prolongando-se - como ainda

há tão pouco Sophia, algum mais Pessoa e mais longe Camões -, na consciência de uma língua que, cada vez mais, não só se torna intemporal, como une mundos e povos, provando mesmo que será na Cultura que se achará a verdadeira coesão da Humanidade.

A propósito destes acontecimentos, e pela celeuma então levantada, temos outra proposta concreta a fazer: que seja inerente ao prémio Camões um dia de luto transnacional pela morte de qualquer laureado, já que mesmo que uma pessoa deixe de ser falada, a língua, espera-se (tão maltratada que ela anda), nunca o deixa de ser, emissor-receptor, porque, evidentemente, também escutada, de uma potência única na difusão de culturas nela própria espelhadas e reflectidas, na aproximação de povos-irmãos, na afirmação de um passado que se quer História de amizade no futuro, na compreensão mútua da sobrevivência e da inter-ajuda para um maior fortalecimento.

Mais alguns dias, e o patriotismo bacoco - não se leia barroco... -, aproveitado a altos níveis (?), aquando de imprevisível subida ao pódio da Fórmula Um de um jovem português - que até parece bom rapaz e a quem, sinceramente, desejamos as maiores felicidades -, com telegramas de parabéns e outras palermices do género, por um resultado que nada tem de verdadeiro. Que aconteceria se obtivesse a mesma classificação numa prova normal? Embandeiríamos em arco?

E se deixássemos os tão baixos lugares que teimosamente vamos mantendo em diversas e realmente mais importantes áreas e actividades, numa União Europeia que à medida que aumentam os países seus aderentes, parece que mais para baixo nos empurra? São estas as referências para a nossa auto-estima? Sim, porque elas são mesmo precisas e não podem ser medidas por modernos e grandiosos estádios vazios, ao lado de envelhecidos e cheios hospitais, ou enormes e quase sumptuosos espaços comerciais, ao lado de encolhidos tribunais, que mais se atafulham à medida que os cidadãos se deixam convencer a se endividar naqueles...

E, no entanto, temos grandes nomes em várias áreas do saber e das artes que bem mereciam ser mais conhecidos e divulgados... só que representam, na cultura que cada vez menos temos, ou na in/acultura que cada vez mais nos dão, o lado chato da vida, não é?

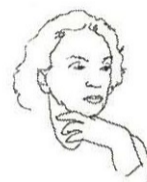
Mais para o fim do mês, a 25, na "minha" linda cidade de Estremoz, terra cheia de História, embebida quer no sangue das suas muralhas, quer na pureza do seu mármore, quer no suor dos seus habitantes, a presença do Chefe de Estado, do Chefe do Estado Maior General das Forças Armadas e do Ministro da Defesa Nacional, em cerimónia simplificada pela situação do país, mas nem por isso menos digna, com promessas de não esquecer os antigos combatentes, muito em especial os seus deficientes, cumprindo e respeitando as promessas assumidas. Mas isso não chega, meus senhores. Sabemos que o tempo ainda é curto, as condições difíceis e as críticas fáceis. Mas promessas é coisa que não tem faltado... Queremos acreditar e cremos... Achamos que deviam aproveitar.

Terminou este estranho, mas, para quem o quis, enriquecedor mês de Junho. E como provou ser com-

plicado "Amar", no sentido mais puro e altruísta do termo, dos séculos XII/XIII de Santo António de Lisboa (universalmente mais conhecido como "de Pádua", porque já ele então, para se realizar teve que ser emigrante - não foi Jorge de Sena que disse precisamente, mais ou menos, que a minha Pátria é onde me possa realizar?), passando pelo XVI de Luís de Camões e chegando aos XIX/XX de Pessoa e até XX/XXI de Sophia, de nós próprios, uma Pátria que esqueceu e abandonou aqueles que por ela estiveram dispostos a dar tudo (e quantos deram!)? Uma Pátria cujo "poder" deturpa, confunde e/ou joga com valores que deviam permanecer, sempre e para sempre, imutáveis e transparentes...

J.M.S.

Nota: o título deste livro - Mar Novo - é o do projecto vencedor, em 1955, do concurso internacional para a construção, em Sagres, de um monumento ao Infante D. Henrique. O projecto, do arqt.ª João Andresen, irmão de Sophia, e seus colaboradores, entre os quais Barata Foyo e Júlio Resende, seria inviabilizado por decisão governamental no ano seguinte



Poema inspirado nos painéis
que Júlio Resende desenhou
para o monumento que devia
ser construído em Sagres

-I

Nenhuma ausência em ti cais da partida.
Movimento ritual, surdo rumor de búzios,
Alegria de ir ver o êxtase do mar
Com suas ondas-cães, seus cavalos,
Suas crinas de vento, seus colares de espuma,
Seus gritos, seus perigos, seus abismos de fogo.

Nenhuma ausência em ti cais da partida.
Impetuosas velas, plenitude do tempo,
Euforia desdobrando os seus gestos na hora luminosa
Do Lusíada que parte para o universo puro
Sem nenhum peso morto, sem nenhum obscuro
Prenúncio de traição sob os seus passos.

II - Regresso

Quem cantará vosso regresso morto
Que lágrimas, que grito, não-de dizer
A desilusão e o peso em vosso corpo?

Portugal tão cansado de morrer
Ininterruptamente e devagar
Enquanto o vento vivo vem do mar

Quem são os vencedores desta agonia?
Quem os senhores sombrios desta noite
Onde se perde morre e se desvia
A antiga linha clara e criadora
Do nosso rosto voltado para o dia?

por Sophia de Mello Breyner Andresen



2 Junho,

o "Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades", mas também os "do Combatente"



aos combatentes do terra colonial, em cerimônia militar devidosção.

1.º secretário, a representação do Monumento aos Camões, as quais se iniciam no mosteiro dos Jerónimos e fanfarras formadas, assistiu-se a uma cerimônia (padre católico e representante pelo discurso) este ano pelo antigo

arte, entrou-se no monumento propriamente dita, e ordem, nomeada "a mortos de sentimentos no ruído do rufar dos tambores, pela primeira depositada, pela mais alta autoridade, viram as de outras honras, um acto que se foi por fim quase ao sabor da segunda parte com o muitos deles "escolta-

urso, assistiu-se à desfilada, passagem de alguns regimentos. Quem o desejou, invívio no relvado em honra. Foram no ELO algumas a cerimônia de então, desse ser melhorada. do informações como tal aconteceria. Puro em que se julgou ter de facto, o que desde ou a chamar...), foi o am as placas com os final já se vendo, situação alguns locais, parecendo amigo que tentou querido, enquanto por ilusão foi proposta há as no chão, junto às espalham por todo o a, não só não respeito da sua deposição, pecto a um lugar que

por vezes se confundem, se calhar com o errado, e de quezidade ter qualquer razão, avançamos mesmo a deposição de flores, fadas e organizações

reconhecidas, pela sua importância(?)/antiguidade, as quais vão-se alinhando, do centro para as pontas, alternadamente, colocando-se à sua frente os portadores dos ramos e atrás o seu pendão nacional, quando o haja, e apenas esse, após o que avançará a entidade que preside a depor a sua coroa, sendo que logo após a saída

Honra eterna aos nossos mortos

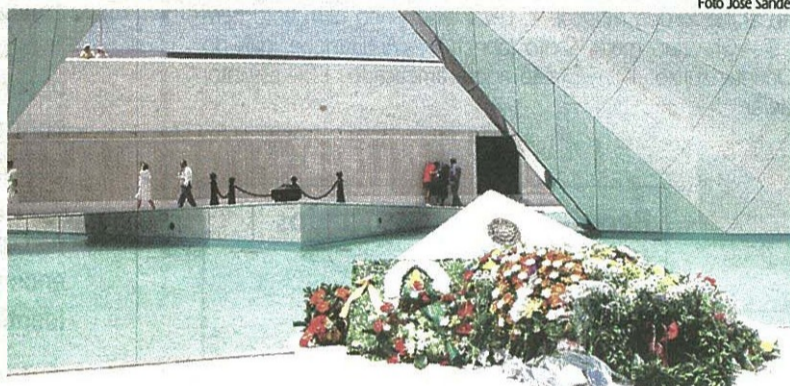
A ADFA está presente, através dos seus presidente e 1.º secretário da Direcção Nacional e, muito especialmente, representada pela sua bandeira que ostenta as insígnias da Ordem de Mérito com que está agraciada.

A ADFA está presente, como julga que já o deveriam estar as mais altas autoridades da Nação, passados mais de 30 anos sobre o 25 de Abril, num assumir da consciência pátria, na maior dignidade para com aqueles que serão os maiores de todos nós, os nossos mortos, que queremos eternamente honrados.

desta, e a uma ordem precisa, avançarão todos ao mesmo tempo a depositar as suas flores, mantendo sempre a linha, regressando aos seus lugares, a nova indicação (toque e/ou voz), em fila conforme a ordem em que então ficaram, entidades para um lado, pendões para outro; poder-se-á pensar numa segunda linha, com ou sem chamada, e sendo os próprios os portadores dos ramos, para representações a nível de batalhão, companhia e outras; claro que haverá, e tal foi ponderado, que mudar o posicionamento das forças em parada e da fanfarras, podendo as mesmas ficarem na parte traseira do monumento, no passeio das placas, o que talvez até desse um melhor enquadramento à cerimônia, até no aspecto de canalização do som. Há um ano para pensar, mas continuar assim, não.

A finalizar, uma questão que se crê ter aflorado já o ano passado, ainda que muito levemente, sem certeza de ter sido sobre esta cerimônia, mas que muita confusão nos faz, 31 anos que são passados já sobre o 25 de Abril: será que certas autoridades, nomeadamente o Comandante Supremo das Forças Armadas, ainda não ultrapassaram o fantasma do 10 de Junho no Terreiro do Paço, última grande parada de um império já inexistente, e o chocante da entrega de medalhas, não tanto aos "heróis", mas sim aos pais, às viúvas, aos órfãos? Afinal condecorações

sempre continuam a ser entregues nesta data, e ainda que inicialmente a homenagem aos combatentes tenha tido um cariz um tanto ou quanto duvidoso, é altura de se assumir, oficialmente, o preto e gratidão que a Pátria lhes deve, "agarrando" e elevando esta cerimônia ao mais alto nível, até para se acabar com a situação cari-



cata de a ela estar presente um representante da Monarquia, e nenhum (ou em vez de um) da República, enquanto tal...

Também no dia 10, o presidente da DN esteve no Palácio da Ajuda, a convite do dr. Jorge Sampaio, na cerimônia de entrega de... condecorações.

Mas dias depois, em tempo de festejo de homenagem a outro grande português, que sendo apenas combatente pelo dom da palavra, chegou a coronel em Portugal e a general no Brasil, embora que durante séculos "ausente sem licença", uma série de três mortes abala a vida política e intelectual portuguesa.

A primeira, a de alguém cuja utopia, quase se faz loucura, na crença de que, no país que amava, podia ter uma sociedade justa e igualitária; a segunda, que na exaustão da pergunta de que se venceu ou perdeu, inquestionavelmente se terá que responder com a primeira, não só pelo reco-

nhecimento de uma coerência quase extinta, como também, infelizmente, porque as razões da sua luta permanecem válidas e acrescidas numa "civilização" em que continuam a dominar, e quantas vezes a aumentar, a pobreza, a ignorância, a fome, a violência, a par do egoísmo, do comodismo, da indiferença; a terceira, a de alguém que, através da escrita de sentimentos, será o único imortal entre todos, prolongando-se - como ainda

há tão pouco Sophia, algum mais Pessoa e mais Camões -, na consciência de uma língua que, mais, não só se torna intemporal, como une os povos, provando mesmo que será na Cultura achará a verdadeira coesão da Humanidade.

A propósito destes acontecimentos, e pela então levantada, temos outra proposta a fazer: que seja inerente ao prémio Camões um luto transnacional pela morte de qualquer língua que mesmo que uma pessoa deixe de ser falada, espera-se (tão maltratada que ela anda), deixa de ser, emissor-receptor, porque, evidente, também escutada, de uma potência única são de culturas nela própria espelhadas e rena aproximação de povos-irmãos, na afirmação passado que se quer História de amizade no futuro compreensão mútua da sobrevivência e da in para um maior fortalecimento.

Mais alguns dias, e o patriotismo bacoco - leia barroco... -, aproveitado a altos níveis (?), do de imprevisível subida ao pódio da Fórmula um jovem português - que até parece bom quem, sinceramente, desejamos as maiores fe -, com telegramas de parabéns e outras palavras gênero, por um resultado que nada tem de ve Que aconteceria se obtivesse a mesma classificação prova normal? Embandeiramos em arco?

E se deixássemos os tão baixos lugares que samente vamos mantendo em diversas e realme importantes áreas e actividades, numa União que à medida que aumentam os países seus ac parece que mais para baixo nos empurra? São referências para a nossa auto-estima? Sim, por são mesmo precisas e não podem ser medi modernos e grandiosos estádios vazios, ao envelhecidos e cheios hospitais, ou enormes sumptuosos espaços comerciais, ao lado de em tribunais, que mais se atafulham à medida que dão se deixam convencer a se endividar naque

E, no entanto, temos grandes nomes em vários do saber e das artes que bem mereciam ser m hecidos e divulgados... só que representam, na que cada vez menos temos, ou na in/acultura c vez mais nos dão, o lado chato da vida, não é?

Mais para o fim do mês, a 25, na "minha" linha de de Estremoz, terra cheia de História, embeb no sangue das suas muralhas, quer na pureza mármore, quer no suor dos seus habitantes, a do Chefe de Estado, do Chefe do Estado Maior das Forças Armadas e do Ministro da Defesa N em cerimônia simplificada pela situação do p nem por isso menos digna, com promessas esquecer os antigos combatentes, muito em es seus deficientes, cumprindo e respeitando as pr assumidas. Mas isso não chega, meus si Sabemos que o tempo ainda é curto, as condições e as críticas fáceis. Mas promessas é coisa tem faltado... Queremos acreditar e cremos... A que deviam aproveitar.

Terminou este estranho, mas, para quem enriquecedor mês de Junho. E como provou s



Episódios de guerra

O tocador de kanhembe

"Foi mai di quinhenta" disse-me o único maconde que conheci, e pousou o kanhembe sobre uma pequena pilha de tijolos que parecia servir de banco. Pousou-o com cuidado e eu percebi que se tratava de um instrumento musical. "Kanhembe" disse ele, respondendo ao meu ar de intrigado.

Mal eu entrara ele respondeu antecipadamente a todas as minhas questões, que lhe haveriam de parecer inocentes, com uma única frase, como se dizer mais do que isso fosse impúdico. "Foi mai di quinhenta" – e nada mais de sensato havia para dizer.

O mainato tinha-me feito crer que se tratava de um ancião e eu imaginara um velho curvado com uma carapinha branca e rala, com o rosto coberto das cicatrizes do "dinembo", a tatuagem tradicional dos macondes, e com um lábio superior dilatado pela "ndona" e completamente desdentado. Em vez disso ergueu-se à minha frente uma figura quase majestática, sem um único cabelo branco, embora a palidez da pele e uma teia infundável de fissuras lhe denunciasses a idade ou os maus-tratos. Não me convidou a sentar, ergueu-se, como a dizer que aquela era a máxima consideração a que eu tinha direito, ou então a dar-me a entender que eu não era propriamente um convidado.

O mainato era macua, deveria ter uns dezasseis anos mas não tinha sido fácil de convencer. – Já falaste com o velho maconde? – Ainda furrié. E eu insistindo que o que eu queria era ouvir contar a história da boca de uma testemunha; que isso era importante para mim; que era uma questão pessoal, de consciência; que era mesmo a coisa mais importante para mim; que era um absoluto segredo, o velho que não tivesse medo. Fui-lhe aumentando o montante da recompensa. – Um conto do Moçambique ó da Lisboa? – De Moçambique, eu não tenho dinheiro da Metrópole. – Tão é poco, poco, furrié, dá dois. Passada uma semana lá ia eu atrás do mainato, a noite a cair, e eu de Walther ferrada no coldre, de cinturão ligeiramente descaído, à cowboy, a entrar pelo aldeamento. Uma velha lançou-me um mau-olhado. – Velha pensa furrié tem menina. Era estritamente proibido andar de noite no aldeamento, mas acho que ninguém sabia dessa proibição, tal era o respeito pelas proibições em Mueda.

A palhota do velho maconde era ainda mais miserável que as outras. Não era de alvenaria, como algumas delas, nem feita com os materiais tradicionais, era uma coisa indescritível, feita de vários materiais, aparentemente apenas encostados uns aos outros. De lá de dentro vinha um som parecido com o que faz uma corda de guitarra quando está a ser afinada. Como não

havia porta, nem qualquer outra coisa a impedir o acesso, vi-o logo, sentado em cima de uma caixa de madeira. Antes que o mainato me apresentasse, olhou-me de frente e disse: – Foi mai di quinhenta. Quando uma resposta antecede assim quaisquer perguntas, já aguardava há muito por ser proferida.

O mainato disse-lhe qualquer coisa que eu não entendi, em tom de súplica, talvez a calcular que uma única frase não valeria dois mil escudos. Tirei o maço de Caravela e perguntei mais por hábito do que por educação: – Posso? Respondeu-me com um brilho no olhar, quase imperceptível, que eu interpretei como assentimento. Apontei-lhe o maço, fazendo deslizar um cigarro para fora, naquele gesto mecânico de oferecer tabaco.

Respondeu-me com outro brilho no olhar e eu não tive dúvidas que era uma recusa.

Olhou para a minha Walther que mostrava a coronha naquela pose de western barato, e o brilho no olhar fez sentir-me um pouco como se tivesse vindo a um jantar de família com um fato de Carnaval. Peguei-lhe ao contrário e com o polegar puxei a patilha que segura o carregador, de modo a fazê-lo saltar, agarrando-o na queda com a mão esquerda, tal qual vira num filme. Depois, consciente de ter aumentado o ridículo, guardei-a o mais sobriamente que fui capaz e cobri-a com a pala do coldre.

De repente, como quem recebeu uma incumbência inadiável, desatou a falar e o brilho dos olhos foi desaparecendo até uma velatura os cobrir por completo, à medida que ia aumentando de estatura. Estou convencido que aumentava de estatura à medida que ia falando. Não percebi quase nada do que disse. Julgo que falava uma mistura de maconde, de macua e de português, porque ora olhava para mim, ora olhava para o mainato, ora olhava para um lugar indefinido. Um lugar longínquo, não no espaço, mas no tempo, em busca de um outro interlocutor que não encontrava. E de cada vez que mudava de interlocutor, mudava de língua.

"Os portugueses matô tudo, tudo." "Foi mai di quinhenta". "Gente só no queria porrada tanta". Nunca ouvi um nativo tratar-nos por portugueses: Os branco, os tropa, os mussungo, mas os portugueses nunca. Depois foi diminuindo de estatura, o cho-

rrilho de palavras abrandando, até que fez um curto silêncio para de seguida proferir pausadamente, com uma pronúncia quase irrepreensível, como quem diz algo que decorou só para ser dito em momentos solenes: – Dezasseis de Junho de mil novecentos e sessenta.

Finalmente o brilho regressou-lhe ao olhar. Desta vez o brilho disse-me distintamente que eu deveria sair. Senti que para ele eu cessara de existir. Virou-me as costas e acendeu uma candeia com um isqueiro de torcida, comprado no "Santos" ou no "China". Bateu repetidas vezes com o isqueiro na coxa até conseguir uma

uma coisa errada, ao menos que esteja de acordo com a tua consciência" disse-me o meu pai alguns anos antes. – Vendo tudo, se for preciso. Já falei com a tua mãe. – Não fujo, disse eu, não sou nenhum covarde. Cumprirei o meu dever.

Mal saímos do aldeamento dei os dois mil escudos ao mainato. – Dá cigarro furrié? – Como se chama o maconde? – Adenane, furrié.

Agora, ali estou eu, sentado, olhando o aldeamento ao fundo, como se de repente tivesse ficado sem assunto; como um actor que tivesse terminado o seu papel e

se tivesse juntado ao público para ver o resto da peça de que já não faz parte.

Agora, ali estou eu, o céu a mudar de cor, à medida que a noite cai, e uns fogaréus dispersos aparecendo ao longe entre as palhotas. A frase do velho maconde obsessivamente a repetir-se na minha memória: "Os português matô tudo, tudo". Não os tropa,

não os musungo, mas os português". E eu a sentir-me pela primeira vez, em Moçambique, um português num país estrangeiro.

Agora, ali estou eu, sentado, aproveitando a beleza do cenário para procurar melhor dentro de mim a sensação de ter definitivamente acabado com um conflito de valores. Sem pressa, como nas despedidas difíceis; à procura de uma desculpa para ficar mais um pouco, à procura de coragem para ir embora.

Agora, ali estou eu, perante o pôr-do-sol, o último para mim na África profunda, não por ter desertado, em virtude de um maconde velho, que tocava kanhembe, me ter testemunhado o massacre que deu origem àquela guerra, mas porque a mina que me foi destinada vai cumprir, ela também o seu dever. O ignóbil dever de todas as guerras: fazer tanto mal aos outros quanto possível.

Mas isso é só amanhã, algures na picada de Omar. Agora deixem-me desfrutar o pôr-do-sol. Agora sinto-me bem, esperando pela noite.

Adoro a noite porque é fêmea e sedutora; doce e serenamente sedutora, e acaba sempre por vencer o dia, que aqui em Moçambique não se deita no mar, mas sim com ela no aconchego da selva, porque tudo é sensual em África.

M.C. Bastos, associado 1312





Direitos e deveres



Carta de Condução – Decreto-Lei n.º 103/2005, de 24 de Junho

"O Decreto-Lei n.º 45/2005, de 23 de Fevereiro, procedeu à transposição para o direito interno da Directiva n.º 2000/56/CE, da Comissão, de 14 de Setembro, que veio alterar, no que respeita a conteúdos programáticos, métodos de avaliação para as provas de exame, características dos veículos de exame e códigos comunitários harmonizados, a Directiva n.º 91/439/CEE, do Conselho, de 29 de Julho.

Mostra-se, porém, necessário proceder a alguns ajustamentos no mencionado diploma de forma a melhor o conformar com as restantes disposições relativas à habilitação legal para conduzir.

Assim:

Nos termos da alínea a) do n.º 1 do artigo 198.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

Artigo 1.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 45/2005, de 23 de Fevereiro

1 - Os artigos 2.º a 6.º, 9.º e 10.º do Decreto-Lei n.º 45/2005, de 23 de Fevereiro, passam a ter a seguinte redacção:

Artigo 2.º – Residência habitual

Para efeitos do Código da Estrada e legislação complementar, considera-se residência habitual o Estado onde o candidato ou o condutor vive, durante pelo menos 185 dias por ano civil, em consequência de vínculos pessoais e profissionais ou, na falta destes últimos, em consequência apenas de vínculos pessoais, desde que sejam indicadores de relações estreitas com aquele local, sem prejuízo das alíneas seguintes:

a) Se o candidato ou titular da carta de condução residir em vários locais situados em dois ou mais Estados, em virtude de exercer a sua profissão em local diferente daquele em que tem os seus vínculos pessoais, considera-se que a sua residência habitual se situa neste último, desde que aí regresse regularmente;

b) A condição imposta na alínea anterior é, porém, dispensável sempre que a deslocação para outro Estado seja devida ao cumprimento de missão de duração limitada;

c) A frequência de universidade ou escola noutro Estado não implica a mudança de residência habitual.

Artigo 3.º

[...] 1 - ..., 2 - ...

3 - (Anterior redacção do n.º 4.)

4 - As cartas de condução de modelos actualmente em uso mantêm a sua validade, devendo ser substituídas pelo modelo a que se refere o n.º 1 à medi-

da que os títulos forem objecto de qualquer averbamento.

Artigo 4.º

[...] 1 - ..., 2 - ..., 3 - ...

4 - O disposto no n.º 2 não prejudica a imposição de períodos de validade mais curtos, determinados pela necessidade de o condutor se submeter a exames médicos ou de observação psicológica que lhe tenham sido impostos pelas entidades competentes.

5 - O titular de carta de condução emitida antes da entrada em vigor do presente diploma mantém a habilitação até que ocorra o primeiro termo de validade, nos termos das alíneas do n.º 2.

Artigo 5.º

[...] 1 - A revalidação das cartas de condução efectua-se mediante entrega pelos seus titulares, no serviço competente da Direcção-Geral de Viação, de comprovativo médico da sua aptidão física e mental, nos termos definidos em regulamento, nos seis meses que antecedem o termo da sua validade.

2 - Sempre que para a obtenção dos títulos de habilitação de conduzir das categorias e subcategorias previstas no Código da Estrada seja exigido relatório de exame psicológico favorável, o mesmo é também exigido para a respectiva revalidação.

Artigo 6.º – Restrições

1 - As adaptações do veículo e as restrições especiais a que o condutor esteja sujeito devem ser inscritas no título de condução, através dos códigos constantes da secção B do anexo I do presente diploma.

2 - Os códigos 1 a 99 correspondem a códigos comunitários harmonizados e

os códigos 100 e seguintes a códigos nacionais válidos apenas para a condução em território nacional.

3 - Os códigos 70 a 77, 998 e 999 são averbados nas cartas de condução em função das menções constantes dos títulos de condução ou dos certificados que sirvam de base ao respectivo processo.

Artigo 9.º – Norma revogatória

1 - São revogados os artigos 1.º, 7.º e 8.º do Decreto-Lei n.º 209/98, de 11 de Julho, com as alterações introduzidas pela Lei n.º 21/99, de 21 de Abril, e pelo Decreto-Lei n.º 315/99, de 11 de Agosto.

2 - Transitoriamente, são aplicáveis as disposições do Regulamento da Habilitação Legal para Conduzir, anexo ao Decreto-Lei n.º 209/98, de 11 de Julho, em tudo o que não for prejudicado pelo presente diploma e respectiva regulamentação.

Artigo 10.º

[...] 1 - ...

2 - Sem prejuízo do disposto no número anterior, o actual regime de validades de cartas de condução mantém-se em vigor até 1 de Janeiro de 2008 para cartas emitidas antes da entrada em vigor do presente diploma.»

2 - A secção A do anexo I do Decreto-Lei n.º 45/2005, de 23 de Fevereiro, passa a ter a redacção constante do anexo ao presente diploma, que dele faz parte integrante.

Artigo 2.º – Entrada em vigor

O presente diploma entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação e produz efeitos a partir de 24 de Maio de 2005."

Convocatórias

CONVOCATÓRIA

Assembleia Geral Extraordinária da Delegação de Lisboa

A Mesa da Assembleia Geral da Delegação de Lisboa, ao abrigo do n.º 3 do art.º 49 dos Estatutos, convoca todos os associados desta Delegação, para a Assembleia Geral Extraordinária, solicitada pela Direcção da Delegação, a realizar pelas 14H00, no dia 09 de Julho de 2005 (sábado), na cidade de Lisboa, no Auditório Jorge Maurício, na Sede da ADFA, sita na Av. Padre Cruz – Edifício ADFA – 1600-560 Lisboa, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

Ponto único: Análise e discussão da legalidade do memorando da Direcção Nacional, por ser, notoriamente contraditório com os Estatutos da ADFA, enviado ao Primeiro-ministro a concordar com restrições dos direitos dos Associados.

Lisboa, 20 de Junho de 2005 O Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Delegação de Lisboa
Adérito Necho Pinto

NOVOS ASSOCIADOS

Dando cumprimento ao estipulado no n.º 4, do Art.º 8, dos Estatutos da ADFA, publica-se a relação dos candidatos a sócios efectivos

Araldo Jesus Tavares de Almeida

Araldo de Sousa Paquete

Henrique Jorge Amorim de Almeida Sena

João Fernandes Lino

José Maria Romano Gonçalves

Manuel Tembe Maria de Fátima Rodrigues Simões de Almeida Ribeiro da Cunha

Maria da Glória dos Prazeres Domingos Francisco

Maria de Lurdes Ferreira da Costa Plácido

Maria de Lurdes Rodrigues

Pinheiro Fanda Quicá

Ricardo de Jesus

Teodósio António Teófilo Mungói

Vítor Manuel Lopes Amarel Castro da Mata



PROPRIEDADE E EDIÇÃO: Associação dos Deficientes das Forças Armadas - ADFA
Pessoa Colectiva n.º 500032246

Email: jornal.elo@adfa.portugal.com

Internet: <http://www.adfa-portugal.com>

DIRECÇÃO, ADMINISTRAÇÃO, EDIÇÃO E REDACÇÃO: Av. Padre Cruz - Edifício ADFA 1600-560 LISBOA

Telefone: 21 751 26 00/ 21 751 26 01 / 21 751 26 09

Fax: 21 751 26 10

DIRECÇÃO NACIONAL DA ADFA/ADMINISTRAÇÃO: Patuleia Mendes, Artur Vilares, Mano Póvoas, Santa Clara Gomes, Sérgio Azougado, José Pavoeiro, Armindo Matias

DIRECTOR: Fernando Cardoso

CONSELHO DE COLABORADORES PERMANENTES: Capela Gordo, Lopes Dias, Nuno Almeida

REDACÇÃO: José Manuel Sande (redactor principal), Farinho Lopes (fotojornalista) - C. Profissional 6234, Elisabete Couto (secretariado)

COLABORADORES HABITUAIS: Abel Fortuna, Helena Afonso, António Carreiro, José Maia, Nuno Santa Clara.

CORRESPONDENTES: Leite Domingues (Açores), Domingos Seca (Bragança), João Carmona (Castelo Branco), Soles Girão (Coimbra),

Manuel Branco (Évora), Aníbal Carvalhal (Famalicão), Nicolau Rufino (Faro), Francisco Janeiro (Lisboa), Armando Costa (Madeira), Abel Fortuna (Porto), José Faria (Setúbal), João Gonçalves (Viseu)

ILUSTRAÇÕES: Nuno Santa Clara.

ASSINATURAS E PUBLICIDADE: Elisabete Couto, tel. 21 751 2632.

CONCEPÇÃO GRÁFICA - Grafismo/Maquetagem/Paginação:

Sónia Gomes da Silva

PRÉ-IMPRESSÃO Edimpresa, Rua Calvet Magalhães, 242, Laveiras,

2770-022 Paço de Arcos, Tel.: 21 469 87 00

IMPRESSÃO: Imprejournal - Sociedade de Impressão, SA Av. Infante D. Henrique, 334 - 1990 Lisboa - Tel. 21 851 2188 Registo da

Publicação no ICS: 105068/77 Depósito Legal: 99595/96

ASSINATURA ANUAL: €7,00. Tiragem deste número 9000 ex.

Os textos assinados não reproduzem necessariamente as posições da ADFA ou da Direcção do ELO, sendo da responsabilidade dos seus autores, assim como é da responsabilidade das direcções das Delegações o conteúdo dos respectivos espaços.

Direitos em tempo de crise

As medidas anunciadas pelo Governo nas áreas da saúde, vencimentos, reformas e apoio social, para citar só estas, têm naturalmente causado perturbações nos portugueses em geral, e nos deficientes militares em particular.

Importa compreender antes de mais que vivemos em dois universos por assim dizer paralelos. Por um lado, somos cidadãos por inteiro, e com tal estamos sujeitos às leis gerais da República. Tudo o que for aprovado para a generalidade dos portugueses ser-nos-á aplicado, como o aumento ou congelamento dos vencimentos, do salário mínimo nacional, as alterações tributárias, as variações das taxas, do IRS, etc. Por outro lado, há disposições sobre estes disposições gerais (e decreto as haverá!) têm de ser compreendidas e incluídas num contexto global da sociedade portuguesa.

Por outro lado, temos as nossas especificidades, decorrente das nossas deficiências, entendidas no contexto da população deficiente, a que se adicionam os direitos adquiridos pelas sequelas dos ferimentos, acidentes ou doenças adquiridas por motivo do serviço militar. Ainda aqui convém distinguir: os direitos dos deficientes em geral (cidadania plena, reabilitação e reintegração, não discriminação, etc.) não devem estar dependentes de dificuldades conjunturais; e os direitos dos deficientes militares ainda menos, porque têm um carácter indemnizatório e de reconhecimento público que não pode ser posto em causa.

Explicitando, cercear direitos adquiridos dos deficientes em geral representa um nítido retrocesso para a sociedade portuguesa; cercear os direitos dos deficientes militares representaria, além da quebra de contrato da entidade patronal (o Estado) para com os seus agentes (os militares) a quem garantiu a sua solidariedade pelo sistema de auto-seguro, junta-se a imoralidade decorrente da ingratidão pública, impensável num Estado de Direito que se presume ser guardião das virtudes da Pátria.

Postos estes princípios, vejamos o que deve ser tido em conta nas actuais circunstâncias.

ASSISTÊNCIA MÉDICA

E MEDICAMENTOSA

Já no número anterior do ELO foi abordada esta questão, a propósito da aplicação das normas sobre os "genéricos" às ADM's. E penso que ficou esclarecida nesse artigo a diferença entre o apoio médico e medicamentoso feito pelas ADM's e o feito pelo estatuto de deficiente militar.

De qualquer forma, é melhor recordar. Os DFA, mesmo não originários

dos QP, têm direito a ser apoiados pela ADM do seu Ramo de origem. Significa isto que são considerados como pertencendo à "Família militar", gozando dos mesmos direitos que os profissionais. Esta ligação foi há bem pouco tempo realçada pelo General CEME, em audiência que concedeu à DN. Segundo disse, o Exército considera os seus deficientes exactamente como pertencentes à "Família militar". Portanto, a assistência médica e medicamentosa corre pelos mesmos canais do restante pessoal dos Ramos, ou seja, pela área do Pessoal. Assim, todas as doenças não relacionadas com o ferimento, acidente ou doença que deu origem à deficiência permanente e consequente qualificação como deficiente militar são cobertas pelas ADM's.

Nesta área, estamos sujeitos à regras gerais: o que for decidido quanto ao regime das ADM's será aplicado na íntegra aos deficientes militares. E convém que todas as posições sobre este assunto sejam tomadas em conjunto com as instituições e associações de militares, pois é de interesses comuns que se trata.

Mas, nos termos do DL 43/76, todo o apoio e todos os encargos decorrentes do tratamento das sequelas dos ferimentos, acidentes ou doenças ocorridos em serviço são suportados pelo Estado, através dos serviços de saúde dos Ramos, ou seja, pela área de Logística. E este é um princípio inalienável, pois decorre do direito de reparação física e moral dos que ficaram deficientes ao serviço da Pátria. Não podemos admitir a menor beliscadura no carácter indemnizatório e de reconhecimento público dos direitos dos deficientes militares.

Cabe aqui levantar uma questão de ordem prática: se este princípio se aplica sem problemas àqueles que têm acesso fácil aos Hospitais Militares, que fazer quanto aos que não têm essa possibilidade? Remetê-los para as ADM's é cómodo, mas não há dúvida que assim se vêm arredados de um direito que a Lei lhes garante... Um ponto para meditar – e resolver quanto antes, já que a Constituição consagra a igualdade dos cidadãos perante a Lei.

REFORMAS E DEDUÇÕES

O que foi dito acima aplica-se, de certo modo, aos reformados e pensionistas. E convém antes de mais distinguir o que são direitos adquiridos do que são as variações decorrentes de critérios variáveis, como o Orçamento Geral do Estado, que muda todos os anos.

Direitos adquiridos são a indexação das pensões ao vencimento do pessoal no activo, como sucede com os DFA,

ou ao salário mínimo nacional, caso do abono suplementar e da prestação de invalidez para DFA, e para os GDSen e GDFA. Esse princípio não pode ser posto em causa, pelo carácter que reveste e que foi atrás descrito.

Convém aqui lembrar que o abono suplementar e a prestação suplementar de invalidez, como medidas de carácter indemnizatório, não estão sujeitas à IRS.

Variáveis são as deduções aos impostos, não consignadas na legislação sobre deficiente militares, mas que atingem os deficientes



em geral. Ou então a fixação das normas de concessão das reduções sobre o IVA e sobre o imposto automóvel (que tem sido alterado segundo critérios que por vezes se têm afastado do de automóvel utilitário referido no DL 43/76). Nestes casos, os deficientes militares sempre estiveram sujeitos à lei geral, já que as deduções fiscais são posteriores ao DL 43/76, e as reduções são fixadas em cada OE. O que recomenda que qualquer reivindicação nestas áreas seja feita em coordenação com outras organizações de deficientes.

IASFA

Antes de mais, é bom lembrar que o IASFA não é um órgão das Forças Armadas, como são as ADM's, mas uma mútua para a qual o Estado também contribui com 5% do orçamento da Defesa pelo seu papel social. E também que, pelos seu estatuto, quem

tenha desistido de ser sócio do IASFA não poderá ser reintegrado.

Os DFA podem inscrever-se no IASFA, numa base de voluntariado, e muitos o têm feito e gozado das respectivas regalias estatutárias.

Na sequência de um longo processo de negociação, de certa forma precipitado por um processo reivindicativo pouco ortodoxo, a direcção do IASFA, baseada na sua situação financeira, obteve a anulação de uma regalia adquirida por parte dos seus beneficiários: os reformados, que estavam dispensados de pagar quotas, passaram a ser obrigados a contribuir pela regra geral, ou seja, 0,8% do vencimento ou pensão. De acordo com esse novo entendimento, o IASFA tem vindo a enviar cartas aos beneficiários no sentido de actualizar os seus ficheiros. No caso dos DFA, como a inscrição é voluntária (exceptuando, naturalmente, os que são dos QP), têm solicitado que os beneficiários informem se pretendem ou não continuar a estar ligados ao IASFA.

Tendo-se levantado a questão de saber sobre que abonos deverão ser feitos os descontos, foi feita uma reunião com a DN e membros daquele Instituto para troca de pontos de vista. A ADFA defendeu o princípio de que os descontos só podem ser feitos sobre a pensão base, ficando isentos os abonos e prestações de invalidez. Aliás, é nessa base que a CGA elabora as declarações de rendimentos para o IRS, como decerto os associados têm constatado.


Nada de novo, portanto, em relação a matéria "tributável".

A delegação do IASFA concordou com o princípio, mas levantando dúvidas sobre a capacidade da CGA discernir sobre a natureza dos abonos. À ADFA pareceu estar fora de questão

qualquer dúvida, já que a CGA é, neste caso, apenas uma entidade cobradora, limitando-se a cumprir as instruções do IASFA; e, quanto ao modo, a CGA tem, como se disse, meios e programas para distinguir a matéria "tributável" da matéria isenta.

A decisão de sair é naturalmente individual e voluntária, tal como foi a inscrição. Cada um deverá analisar as vantagens e inconvenientes de pertencer ao IASFA e fazer a sua opção, na certeza de que, se decidir desligar-se do Instituto, não poderá ser readmitido. Mas, dado que muitos dos nossos associados estão arredados destas subtilidades, e foram surpreendidos pelo teor das cartas do IASFA, obteve-se o compromisso de adiar a decisão de exclusão do IASFA até 31 de Julho. A partir dessa data, à falta de declaração positiva, considera-se que houve desistência por parte do beneficiário.

Opinião

 Lopes Dias

O futuro no presente

As novas tecnologias são, hoje, as ferramentas indispensáveis para alcançar resultados aceitáveis, mesmo nas tarefas mais comezinhas, do dia a dia. Torna-se, assim, necessário motivar a todos, desde os mais jovens até aos mais idosos, para os benefícios do uso destes novos meios, colocados ao dispor da humanidade. As crianças devem ter acesso aos computadores ao mesmo tempo que aprendem a falar a língua materna e a continuar a manipular brinquedos. A aprendizagem das novas tecnologias deve, nos nossos dias ser encarada como autonomia básica que prepara os seres humanos para a vida activa. Só, nesta perspectiva, podemos começar a pensar numa sociedade competitiva, a par dos países mais desenvolvidos da União Europeia. Muitos dos países, que mais recentemente se integraram neste grande espaço europeu, com realce para aqueles que integravam a ex-União Soviética, têm uma preparação intelectual superior aos países do sul

da Europa. Esta vantagem cultural, rapidamente será utilizada nos mais variados desempenhos profissionais, com os respectivos níveis de produtividade, superiores, por exemplo, aos de Portugal e Grécia.

Pensando, agora, nas pessoas com deficiência, podemos afirmar que se tem feito um esforço na acessibilidade a estas novas ferramentas, o que tem possibilitado, a alguns, a obtenção de um emprego compatível e justamente remunerado. Contudo, em tal processo de autonomia e formação profissional, verificamos que os investimentos, embora avultados, que durante anos foram canalizados para estes fins, não terão obtido as contrapartidas desejadas, provocando, na maioria, frustração para obter um vida digna e estável.

O grau de eficácia destas acções de formação profissional deixa muito a desejar. Já que, nem sempre é garantido o direito de plena cidadania, em que o trabalho constitui a trave mestra duma vida digna, responsável e aceite pela comunidade, como uma mais valia do todo social.

Sendo assim, torna-se obrigatório encarar reformulações e ajustes, de modo a que haja uma relação directa entre os investimentos materiais e humanos e a habilitação daqueles que se dispõem á frequência de tais acções. Cabe, também, fazer referência ao pouco cuidado que se colocou na escolha dos cursos, em função das necessidades do mercado de trabalho. Nesta matéria, muitos deles servirão, apenas, como actividade ocupacional remunerada, garantindo, no entanto, aos monitores, bons vencimentos mensais e outras mordomias. Temos, assim, que muitas pessoas com deficiência, frequentaram cursos de "pacotilha", anos a fio, sem obterem qualquer habilitação técnico-profissional que lhes possibilite a mais leve esperança de ingressar no mundo real do trabalho. Por estes factos, temos de avaliar os resultados alcançados e procurar soluções para minimizar os efeitos da info-exclusão que recaiu sobre estes grupos de pessoas com deficiência que assim, continuam a perpetuar, em forma de uma falsa sociabilização, o antigo regime assistencial e/ou caritativo.

Opinião

Marolino II

Durante a I Guerra Mundial, ao fim de cerca de três anos de morticínios inúteis, desenvolveu-se sobretudo entre as tropas francesas e inglesas um sentimento de revolta, que nalguns casos degenerou em rebelião aberta. Rebelião frente ao inimigo é crime grave, exigindo medidas de excepção, e estas foram tomadas. A mais célebre foi a "tiragem à sorte": das unidades revoltadas foram escolhidos, por sorteio, um em cada dez para serem fuzilados.

A ideia não era nova: já no tempo dos romanos as unidades que se portavam mal eram "dizimadas", ou seja, era morto um em cada dez, e daí o termo: eliminar o dízimo.

Tanto quanto se sabe, os autores da ideia não sofreram de stress pós-traumático, nem prejuízo na carreira; há mesmo um caso célebre de herói nacional, que na guerra seguinte foi reclassificado como traidor. Mas isso são outros contos...

Pois a semente da morte para exemplo parece ter ficado por aí, e as boas consciências também. Claro que não por pelotão de fuzilamento – que horror! – mas pela morte por inanição.

O Marolino foi um destes condenados. Incapaz de se reintegrar na sociedade, negada uma pensão mínima de sobrevivência, a sentença estaria cumprida há muitos anos, se não tivesse havido a mão amiga/amigos da ADFA a conseguir sucessivos adiamentos da execução da pena capital.

É certo que muitos o consideravam um peso morto. Pois morto já está, e o único peso que agora conta é o da terra que o cobre.

O mais grave da pena de morte é a irreversibilidade da sentença; se houver erro judicial, não há absolvição ou reparação que valha ao condenado. O juiz terá que carregar para o resto dos seus dias o fardo do homicídio que cometeu. A menos que disponha da boa consciência de ter agido "A Bem da Nação", como os acima citados.

Pois ao condenado Marolino veio o Tribunal dar razão – a título póstumo! Um Acórdão do Tribunal Central Administrativo do Sul, datado de 19 de Maio de 2005, veio a conceder provimento ao recurso sobre a sentença anterior, ou seja, aquela que ia ao encontro da posição da CGA, em que a doença do Marolino não tinha relação com o serviço. Isto apesar de a JHI lhe ter atribuído 50% por doença considerada contraída em serviço e por motivo do mesmo. E apesar de um perito em psiquiatria, chamado a pronunciar-se face à discrepância entre a Junta Militar e da CGA, ter concluído sofrer de uma doença cuja eclosão clínica... deve ser considerada como estando relacionada com o serviço militar.

Não admira que no Acórdão se diga que na apreciação dos factos se laborou em erro manifesto, grosseiro, expressão repetida no Acórdão e na Vista da Digníssima Representante do Ministério Público.

Sem mais comentários.

Não tendo o dito Marolino herdeiro legal, a ninguém servirá o tardio reconhecimento dos seus direitos. Terá portanto morrido A Bem da Nação, sua única herdeira, por poupança duma pensão que não foi atribuída.

Há mais Marolinos. E oxalá este resultado final, tão benéfico para a Fazenda Nacional, não passe a constituir doutrina para as boas consciências, para quem pagar pensão de sobrevivência (ao herdeiro) é melhor que pagar pensão por inteiro ao beneficiário (vivo).

E, para finalizar no mesmo tom, aqui fica a sugestão: que as boas consciências incluam

na sua já vasta colecção de formulários mais este:

"Exmo. Senhor:

A fim de poder ser dado andamento ao seu processo, solicita-se que nos envie o mais breve possível a sua certidão de óbito, sem o que o referido processo será arquivado por deserção."

 N. Sta. C.

Notícias

Secretária de Estado da Reabilitação na ADFA

Na tarde do passado dia 31 de Maio, a secretária de Estado da Reabilitação esteve na Sede Nacional, acompanhada do seu acessor, dr. Marco Cristóvão.

Após breve visita às instalações e aos serviços afectos à DN, realizou-se uma reunião de trabalho a que estiveram presentes, para além dos presidente, 1.º e 2.º secretários da DN, os associados Silvério, Rodrigues, Lopes Dias e José Arruda, como grandes deficientes, ligados de alguma forma, às áreas social e de reabilitação desta casa.

Numa confirmação clara do seu interesse pelos problemas específicos dos deficientes das Forças

Armadas, aliás já demonstrado em anteriores ocasiões, a dr.ª Idália Moniz pediu que a ADFA indicasse um interlocutor directo com o seu Gabinete, tendo logo ali sido assumido que seria o próprio presidente da DN a garantir essa ligação.

Em relação a projectos que já estavam apresentados a anteriores Governos, e foram renovados na audiência do passado dia 2 de Maio (ver ELO de Junho), foi reforçado pela DN o enorme interesse da ADFA na criação de uma montra tecnológica de ajudas técnicas e de um pólo do CRPG para produção, alinhamento e reparação de próteses, no Lar Militar,

tendo sido solicitado pela secretária de Estado um memorando completo acerca do actual estado desses planos, assim como um outro acerca da situação dos camaradas que permanecem na Graça, com a finalidade de ela própria promover reuniões com o Ministério da Defesa, no sentido de ser encontrada a melhor solução para o problema.



Cartaz

CASTELO BRANCO



FÉRIAS

PERÍODO DE FÉRIAS. Informa-se que a nossa delegação se encontrará encerrada, por motivo de férias da funcionária, de 16 de Agosto a 9 de Setembro.

No entanto, nesse mesmo período, o presidente da delegação deslocar-se-á aos serviços, entre as 10H00 e as 12H30, para tratar de qualquer assunto que requeira urgência.



EXCURSÕES

VISITA AO MUSEU DA GUERRA COLONIAL. A nossa delegação vai realizar, no próximo dia 24 de Setembro, uma visita ao Museu da Guerra Colonial, em Vila Nova de Famalicão. O autocarro sairá de Idanha-a-Nova, pelas 6H30, com passagem por Castelo Branco, Fundão e Covilhã. Dado que o número de lugares é limitado, os interessados deverão fazer a sua inscrição nos serviços da delegação, a um preço de 15,00_/pessoa - incluindo almoço, o mais breve possível.

COIMBRA



FÉRIAS

ENCERRAMENTO DE SERVIÇOS. No próximo dia 4 de Julho, os serviços da delegação estarão encerrados por motivo de ser feriado municipal - Dia da Cidade de Coimbra. Recordamos, por outro lado, que o período de encerramento, durante as férias de Verão, vai de 16 a 31 de Agosto, ambos dias inclusive.

ÉVORA



EXCURSÕES

VISITA GUIADA À CIDADE-MUSEU. A nossa delegação vai organizar para os seus associados, no dia 17 de Setembro, uma visita guiada a Évora, com início pelas 10H00, seguindo-se almoço, gratuito, na sua sede. Todos os interessados devem contactar, desde já, a delegação, pessoalmente ou através do telefone 26 670 34 73.

LISBOA



EXCURSÕES

PASSEIO DE 3 DIAS À GALIZA. Conforme já no ELO anterior, a delegação vai realizar, de 16 a 18 de Setembro próximo, um passeio de 3 dias à GALIZA-Paraíso Natural, com o seguinte programa:

1.º dia - 16 - Saída de Lisboa (sede), pelas 07H00, seguindo-se pela auto-estrada em direcção a Santarém, (com paragem na respectiva área de serviço para "mata-bicho"), Coimbra, Valença, almoçando-se já em Sanxenxo, após o que se sairá em direcção à ilha de La Toja (um dos lugares mais bonitos da região, onde iremos visitar as suas belas termas e a igreja das Conchas, havendo tempo para fazer compras) e depois Grove (vila de pescadores e capital do marisco, hoje grande centro turístico, onde se proporcionará um belo passeio de barco pela Ria Arosa, e degustação de mexilhões). Tempo livre ainda para actividades de carácter particular, antes do jantar e alojamento no hotel.

2.º dia - 17 - Pequeno-almoço no hotel, após o que seguirá para Santiago da Compostela, em cuja catedral, que

visitaremos com guia próprio, poderemos ainda assistir à "missa do peregrino". Após almoço em restaurante local, saíremos em direcção à Corunha, onde faremos uma visita panorâmica pela cidade, com passagem pelo passeio marítimo mais longo da Europa, havendo também, claro, tempo para mais compras. Continuação da viagem, com regresso a Sanxenxo, onde se jantará e dormirá.

3.º dia - 18 - Pequeno-almoço no hotel, saindo-se de seguida para Pontevedra, onde se visitarão locais como o Santuário de La Santa Maria, a Plaza da Ferreria, a igreja de São Bartolomeu e o lugar onde viveu a Irmã Lúcia. Continuação da viagem em direcção a Tui (tempo livre para compras) e Valença (almoço), após o que prosseguirá para o Porto (auto-estrada), Mealhada (paragem na área de serviço), Santarém e, finalmente, Lisboa (Sede ADF).
Preço por pessoa: quarto duplo 160 euros e individual 205 euros, incluindo alojamento em hotel de 3*** (regime de meia pensão - pequeno almoço e jantar), seguro de viagem, visitas conforme o programa, taxas e impostos devidos... podendo ser pago em duas vezes, sendo a entrada de 30% e o restante satisfeito até dia 29/07/05

Inscrições: pelo telefone 21 751 26 00 ou directamente na delegação, até ao dia 2 de Setembro.

INSCREVE-TE JÁ!

MADEIRA



FÉRIAS

FÉRIAS DA DELEGAÇÃO. Os serviços da delegação, para gozo de férias de Verão, estarão encerrados de 11 a 29 de Julho, ambos inclusive.

No entanto, para assuntos de reconhecida importância ou urgência, estará disponível o tm. 96 996 35 17.

VILA NOVA DE FAMALICÃO



EXCURSÕES

III PASSEIO "UM DIA FORA".

Este ano o passeio tem como destino Ourense, na Galiza, realizando-se a 16 de Julho (sábado), com o seguinte programa: - partida de Guimarães às 7H00, de junto ao estádio do Vitoria de Guimarães, prevendo-se paragem na delegação pelas 7H30; - viagem por Ponte de Lima, Ponte da Barca, Lindoso e Ourense, aqui com paragem para o almoço (que é livre, podendo-se levar farnel); - visita opcional de barco (isto é, por conta do interessado), na Ribeira Sacra, pelo Rio Minho; - em hora a combinar, viagem de regresso por Vigo, com paragem para compras e lanche; - chegada prevista pelas 22H00.

Inscrições abertas até dia 13 de Julho, ao preço por pessoa/criança de 14,00 euros, sendo a marcação dos lugares feita por ordem destas.



FÉRIAS

FÉRIAS NA DELEGAÇÃO. O respectivo período é de 15 a 26 de Agosto, pelo que os serviços reabrem a 29, após o fim-de-semana imediato.

VISEU



FÉRIAS

FÉRIAS DE VERÃO. Este ano, os serviços da delegação vão estar encerrados, para descanso do pessoal, desde 1 a 15 de Agosto,

No entanto, para qualquer assunto considerado urgente, pode-se contactar o telemóvel 91 935 67 41.

Ponto de Encontro

"No reencontro periódico de ex-combatentes, a par do forte sentimento/memória que os une, em torno de um período marcante das suas vidas, e certamente dos seus próximos, a reafirmação de uma solidariedade que ainda é a força de uma geração".

JULHO - DIA 2

Dia da Força Aérea

- comemorações do 53.º aniversário, em Aveiro;

BArt. 400 (Angola 1962/65). Na Curia. Contacto - Bom: 91 703 35 92.
CCaç. 566 (Angola). Em Vila do Conde. Contacto - António Paço: 96 693 29 31.
CCaç. 1608 (Moçambique 1966/68). Em Vila Verde. Contacto - Manuel

Martins: 22 951 79 19. **CCaç. 1642** - Em Avintes. Contacto - 22 782 02 95.
CmDs - III Encontro Nacional de Comandos na Batalha e Pombal. Contactos - Delegações ou Direcção Nacional: 21 353 83 73

DIA 3

CART. 792 (Angola 1965/67) - Contacto - José Santos: 22 762 84 97

DIA 9

BCaç. 186 (Angola 1961/63) Em Tomar. Contacto - Abaladas: 96 406 51 76. **CPM 1754** (São Tomé e Príncipe 1967/69). Em Fátima. Contacto - António Vaz: 91 275 24 16

DIA 17

Ex-marinheiros da Armada (Distrito de Setúbal). Aniversário da Associação "Alcache". Contacto - Edifício da Lota, Bloco 41 - 2900 Setúbal

DIA 30

N.R.P. "Álvares Cabral" (Angola/Moçambique 1969/71). Em Campo Maior. Contacto - Victor: 96 619 68 45
AGOSTO - DIA 6

PMort. 898 (Angola 1963/65). Em Seia. Contacto - 23 808 18 03

DIA 15

CCav. 2417 (Moçambique). Na Batalha. Contacto - Reizinho: 96 711 35 99

PEDIDO DE CONTACTO:

O nosso associado Domingos Alves dos Santos, que esteve integrado na Companhia de Polícia Militar 590, que serviu na Guiné em 1963/65, procura um seu antigo camarada de nome Tavares, possivelmente morador em Lisboa, no típico Bairro da Bica, promessa de futebol n'Os Belenenses, e que foi evacuado, ferido, por ter sido alvejado em tiroteio à porta de armas do quartelamento, em Bissau. Qualquer contacto por telecópia (fax) para 21 272 08 85, ou através do ELO.



Água...

A água é um bem raro e precioso, que inspira a vida deste planeta, um elemento carregado de simbolismo em qualquer ponto do globo e através dos séculos, para todas as religiões. Já no século VI A. C. Tales de Mileto, um dos sete sábios da Grécia, afirmava: "A água está na origem e na base de todas as coisas". Tem significados religiosos desde a origem da vida humana passando pelas suas propriedades purificadoras. A Bíblia evoca o Dilúvio e menciona diversas tragédias ligadas à

água. Para os cristãos a água é usada para baptizar o ser humano ou benzer um bem, como elemento simbólico no "lava-pés", no milagre da transformação da água em vinho nas Bodas de Canã ou no diálogo de Jesus com a Samaritana junto à fonte de Jacob. Para o Corão, desde a Antiguidade que a água é considerada o elemento purificador do corpo e do espírito, razão pela qual foram criados banhos públicos junto às mesquitas para todos se purificarem antes de entrarem para a oração. Para os árabes dar água ao próximo é um acto social, um gesto de humanismo, a caridade recomendada pelo Islão como um dever para todos.

Em todas as culturas, poetas, escritores, pintores e escultores sempre se inspiraram na água. A referência à água por parte dos artistas esteve sempre ligada ao ciclo da água na biosfera comparando-a com o ciclo do sangue num organismo vivo. A água é vida e por isso, há rios que são venerados pelas suas populações que neles se purificam e oferecem as suas orações pela vinda da chuva e das cheias para assegurar a prosperidade, mas também causadoras da destruição e morte. Em África sempre se ofereceu a "Água das boas-vindas" ao convidado ou ao estrangeiro. Os mitos dos povos estão associados à água, aos rios, aos lagos e aos poços, para quem a força vital da terra é a água.

As sociedades mais modernas sentem o simbolismo da água e sabem que a sua

vida depende dela. Em Abril de 2003, a Santa Sé posicionou-se publicamente a favor do controlo público da água por esta ser um bem comum da humanidade, afastada de todo e qualquer mercantilismo, devendo a sua administração pertencer aos serviços públicos.

A Assembleia Geral das Nações Unidas (AGNU) instituiu a década 2005-2015 como a "Década da Água" e que teve o seu início oficial no passado dia 22 de Março, "Dia Mundial da Água". As actividades a desenvolver neste período, sob a designação de "Água para a Vida", têm como finalidade principal diminuir para metade o

número de cidadãos que actualmente não têm acesso a água potável e aos respectivos serviços de saneamento. Na base desta decisão está o resultado da Cimeira Mundial sobre o Desenvolvimento Sustentável, realizada em Joanesburgo, em 2002. Aliás, já a designação do ano 2003 pela AGNU como "Ano Internacional da Água Doce" teve origem naquela cimeira.

Segundo o Fórum Mundial da Água de 2003, a água doce é a base da erradicação da pobreza e da fome no mundo e quando contaminada, é a principal causa de morte nos países subdesenvolvidos.

A poluição da água representa uma forte ameaça sobre este recurso natural e vital para a humanidade, contribuindo para a sua diminuição, pelo que é indispensável aliar o conhecimento científico dos solos e recursos hídricos ao diálogo, à colaboração e à solidariedade.

Segundo disse um cientista "O Homem aflixe-se com os efeitos, mas não se preocupa com as causas da poluição".

Nos últimos anos, a água e a sua administração foi inserida entre os principais temas a debater pelas várias instâncias internacionais, porque ela é finita e está

muito mal repartida, tendo estado, também, no centro de muitos conflitos mundiais. Defendem o seu reconhecimento como um direito humano e o elemento mais fundamental para a vida.

A crise da água está a ser colocada em primeiro plano pela Comunicação Social, que tem dedicado programas temáticos, artigos e números especiais a esse elemento vital para todo o ser vivo e que jamais poderá ser tratado como uma mercadoria, tal como o ar que respiramos.

O filósofo Gaston Bachelard escreveu que "A água é um órgão do mundo", pelo que os dirigentes actuais – mundiais,

muito mal distribuída, havendo alguns locais onde os camiões cisterna de água potável são escoltados por soldados para impedir que as multidões sedentas os raptem. No Médio Oriente a água é considerada o bem mais valioso, é resguardada e utilizada gota a gota por haver um grande défice em relação às necessidades, quando as guerras não destroem os reservatórios. Na China, a falta de água nas planícies do norte levou o governo a desenvolver um gigantesco plano de desvio dos grandes rios

para aquelas zonas onde se morre de sede. Em Argel o abastecimento de água aos seus habitantes tornou-se um pesadelo, pois é cara, de má qualidade e só está disponível durante poucas horas, havendo zonas da capital que só a têm de três em três dias e regiões do interior da Argélia onde se travam autênticas bata-lhas para conseguir alguns baldes de água uma vez por semana.

Em Portugal, nos últimos anos tem-se vindo a preparar um "Projecto de Lei-Quadro da Água", documento onde se destaca a concessão a privados da gestão do domínio público hídrico e a mercantilização da água – comércio de cotas de captação e comércio de cotas de poluição. Em Janeiro de 2005, o governo de então divulgou um "Projecto de Decreto-Lei que aprova a Lei-Quadro da Água" demonstrando a intenção de publicação (o que não aconteceu) daquela Lei-Quadro. Finalmente e depois de várias versões, foi aprovado aquele Projecto este mês de Maio, com a transposição para a nossa legislação da Directiva-Quadro da Água da União Europeia. Assim, pertencerá aos serviços públicos a gestão, licenciamento, fiscalização e planeamento de todos os recursos hídricos, responsabilidade a cargo das Administrações de cinco Regiões Hidrográficas (ARH).

Por ser um bem cada vez mais escasso, o consumidor ficará sujeito a uma pequena taxa de cerca de 2 centimos o m³ para moderar e tornar os consumos mais eficientes. Actualmente só são

pagos os serviços que permitem levar a água às torneiras e não a água propriamente dita.

46 litros

...se deixar as torneiras a pingar.

Se detectar uma fuga de água numa boca-de-incêncio ou água a correr na rua alerte os serviços municipalizados

3 litros

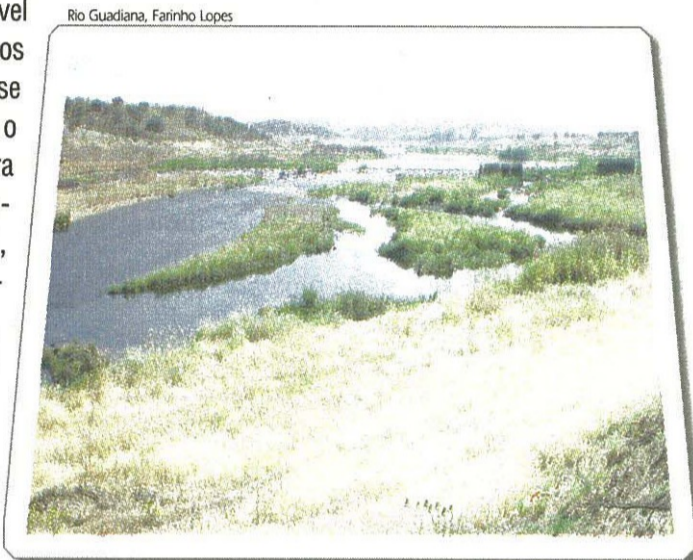
Feche a torneira enquanto escova os dentes

150 litros

Tomar um duche rápido, em vez de um banho de imersão. E não se esqueça de fechar a torneira enquanto se ensaboa

10 a 15 litros

Por descarga do autoclismo gastam-se cerca de 10 a 15 litros de água. Utilize-o apenas se necessário



Rio Guadiana, Fainho Lopes

Notícias

Medidas exemplificativas

Ainda que desde já há anos a Câmara de Reguengos de Monsaraz tenha vindo a desenvolver acções quer no sentido de poupança própria de

água (caso das piscinas municipais e da rega dos espaços verdes, utilizando um sistema independente proveniente de furo hertziano), quer no sentido de

uma maior sensibilização da população para o assunto, este ano, e dada grave situação provocada pela seca que atingiu praticamente todo o país, entendeu a autarquia reforçar esse esclarecimento/apelo, através da distribuição porta-a-porta de folhetos informativos sobre uma utilização mais racional da água

no dia-a-dia de cada um, na cozinha, na casa de banho, nas regas e lavagens, até quanto à necessidade de reparação rápida de canos e torneiras que pingam. E para este concelho, abastecido pela barragem da Vigia, não se prevê qualquer problema quanto a falta de água!

*Informações adaptadas do Boletim Informativo de Oeiras,



RIO NANGO (11)

O ralhete

Tinham decorrido aí umas três semanas sobre o acidente. O alferes já respirava o tédio do hospital e das dores que nunca mais desapareciam.

Estava um tanto amorfo, sozinho, no quarto de duas camas, num silêncio apático e luz mortiça da manhã.

A decoração andava num creme sujo que condizia com o íntimo refletido das cores sem alma.

Esperava tudo menos aquilo.

O tenente-coronel Mourato entrou de rompante e começou a ralhar.

Não esperou nem para ver se o alferes estava bem ou mal ou, tão pouco, se realmente o alferes era aquele.

Vinha furo e cheio de raiva.

- Eu não te disse para não ires?

- Eu não te disse?

- Eu não te disse?

Desancou o alferes de alto a baixo. O alferes bem que quis balbuciar justificações ... mas nada lhe foi permitido.

Refez-se da surpresa de o ver ali - a última visita que esperava seria a do 2.º comandante do Batalhão a que estava agregado, já que a sua Companhia era independente.

Mas ele apareceu e isso marcava o alferes. O seu 2.º comandante desviara a sua rota de voo, de forma habilidosa, em milhares de quilómetros, para o ir ver ao hospital.

O alferes sabia o que ele lhe tinha dito (relembrem o primeiro episódio, em que se refere que ao alferes não competia fazer aquela coluna; foi em vez de outro). O ten.-coronel Mourato tinha dito expressamente para o alferes não ir na coluna, o

que significava que outro alferes a devia fazer.

Mas não era por isso que o 2.º comandante estava furo, raivoso, zangado.

Estava a fugir às lágrimas, à emoção.

Era a sua forma de vir ali a dar alento a um amigo, que entre eles, em poucos meses e com poucas palavras, se estabelecera uma relação de ajuda e compreensão, até por serem da mesma terra.

O 2.º comandante não era um operacional e o alferes não tinha conhecimentos administrativos suficientes da burocracia militar. E isso, mesmo no campo militar, proporcionou uma relação estreita e tinha-os aproximado.

O alferes ficou estarecido.

Só depois entendeu. O tenente-

coronel Mourato ralhou, ralhou, ralhou até acalmar.

Mal deixou perceber a sua preocupação em saber como estava a decorrer a recuperação e foi-se embora.

O alferes ficou de novo com os seus pensamentos, mas o quarto já tinha mudado de cor. O ralhete espevitara-o.

Queria compreender.

- Ainda me vem ralhar!? Não percebeu? O que é que eu ia fazer? Não tinha saída! Tinha de ir um alferes na coluna e eu não podia mandar o outro! ...

Só mais tarde, o alferes entendeu que toda a zanga era mágoa e quanto seu amigo era o 2.º comandante.

Viera ali, junto do alferes, em forma de ralhete, a identificar-se com o seu sofrimento.



António Carreiro

Opinião

Falar agora...

Todos temos conhecimento e experiência sobre as posturas que, a nível individual e colectivo, quando a caminhada da vida profissional, afectiva e social, inicia o ciclo final, existe a tendência para nos voltarmos para trás tentando dar vida aquilo que já morreu.

A esta forma de encarar o presente, que implica sempre o futuro, costumamos chamar revivalismo, ou "bater nos mortos para ver se acordam", como diz o povo.

Como seria bom manipularmos a vida e os acontecimentos nos planos do passado, do presente e do futuro, a nosso belo prazer e de acordo com as conveniências estratégicas e táticas dos fins que pretendemos alcançar, quantas vezes, mal intencionados, mas camuflados de luz e bondade.

A água do rio não passa duas vezes pelo mesmo lugar, embora nos pareça ser sempre a mesma água cristalina que se espalha perante os nossos olhos mas, infelizmente, é pura ilusão.

Conhecer o passado é fundamental para percebermos o presente e projectar o futuro

Mas cometemos, muitas vezes, o erro de pensar e agir, como se a história estivesse parada no local onde conquistámos os nossos "troféus", com palmas e reconhecimento.

A lei fundamental da natureza é a constante mutação dos elementos, num processo dialéctico infundável e pleno de energia, que tudo impele para a frente e para cima.

Pela nossa natureza humana, somos avessos a aceitar o novo agarrando-nos ao passado, que o presente derruba e o futuro rejeita.

Como é possível continuarmos parados, quando tudo mudou à nossa volta?

Comemorámos, recentemente, os trinta e um anos do 25 de Abril, as liberdades conquistadas, a cidadania reposta e o direito ao associativismo, como alavancas essenciais para a participação e defesa da dignidade, a que cada um tem direito.

25 de Abril Sempre!, mas com a consciência de que o rio da história não parou e que, como diz o poeta, "a vida é feita de constante mudança".

Todos queremos ser felizes e usufruir da qualidade de vida que a humanidade vai conquistando. Mas será que o desenvolvimento das sociedades teria lugar sem roturas cíclicas que renegando o passado projectam o presente no futuro?

Alcançar os objectivos do presente com os instrumentos do passado,

afigura-se-nos uma tarefa inútil, pois dificilmente será compreendido pelos actuais decisores que integram, o conhecimento e a experiência destes últimos trinta anos, mais de um quarto de século, com as contradições, avanços e recuos da sociedade em constante movimento.

As gerações do início do terceiro milénio são diferentes das dos anos sessenta e setenta do anterior século. Será estultícia apresentar meios operativos do passado para alcançar os objectivos do presente. As novas gerações não compreenderão essa mensagem, passando por "marretas" aqueles que assim se apresentam.

Revivalismo rima com conservadorismo e do mais fundamentalista.



EM CASA

...mantenha as quotas em dia!



Associação dos Deficientes das Forças Armadas



ADFA



Director: Fernando Cardoso
Propriedade: Associação dos Deficientes das Forças Armadas
Administração e Redacção: Av. Padre Cruz - Edifício ADFA
1600-560 - Lisboa
Telefone: 21 7512600 Fax: 21 751 2610
E-mail: jornal.elo@adfa-portugal.com
Internet: http://www.adfa-portugal.com

Editorial



"JÁ NÃO É A MESMA HORA, NEM A MESMA GENTE, NEM NADA É IGUAL. O REAL É ISTO."

POR FERNANDO PESSOA

Na verdade o *real* às vezes dói. Transportamos todo um mundo de afectos e desafectos, tristezas e alegrias que, ao chegarmos a esta parte da vida, gostaríamos, talvez, que pudesse servir de aferição, mesmo de oportunidade, para podermos fazer melhor e até mais intensamente o que resta da nossa, mas a nostalgia de um passado às vezes mal cumprido e muitas outras não assumido, faz de nós espanta-espíritos guardiães de mitos da indefinição e da ausência, habitantes do espaço entre a luz e a sombra, cuja existência se reconhece pelo pressentimento e raramente pela percepção.

Esta nostalgia é o nosso FADO², parte substancial da nossa identidade, gratificação incontornável para os nossos sentidos, frémite que se sente a ouvir a Mariza, o Camané, a Mafalda Arnaut e tantos outros fazedores de emoções como em nenhum outro lugar do Mundo. Mas esta nostalgia do passado, que não raras vezes nos impele a um quotidiano "pão sem sal", devia ser assumido como reflexo de uma história gloriosa, talvez irrepetível, mas memorial do mais fabuloso Povo que se conhece e que a todos devia orgulhar para o seu inexorável engrandecimento no contexto de toda a Humanidade.

Com veemência peço aos que são associados, aos que deixaram de ser e aos que ainda não são que mantenham a serenidade indispensável e a confiança inquebrantável na ADFA, que participem, que ajudem as estruturas institucionais na afirmação de uma imagem permanentemente responsável, obtível pelo civismo na discussão, pela elevação argumentativa e pela inteligência estratégica da nossa acção.

Nesta fase sinto total confiança na forma como a Instituição aborda a defesa dos nossos direitos. Hoje parece-me ser tempo de defender, sem excluir a indissociável acção de esclarecimento lúcido da justiça das nossas reivindicações, alguma delas radicadas na iniquidade com que o poder político nos discriminou, introduzindo alterações profundas no espírito do princípio igualitário do Dec. Lei 43/76.

A serenidade é característica dos justos.

O director, Fernando Cardoso

Inaugurado Monumento na Lourinhã

Conforme o ELO divulgou a seu tempo, a Direcção Nacional foi convidada a participar em dois anteriores encontros de antigos combatentes do Concelho da Lourinhã, nos quais se equacionou a projecção e construção de um monumento aos camaradas mortos na guerra colonial.

O monumento, já concluído, composto por uma estátua de um militar, com uma arma e em posição de progressão, que sobressai de um memorial, em três placas, correspondentes a cada uma das frentes de África, nas

quais estão inscritos os nomes dos 19 lourinhanenses ali mortos, foi inaugurada no passado dia 26 de Junho.

O conjunto escultórico foi implantado numa das zonas mais nobres da localidade, num local muito digno (Largo António Granjo), situado nas imediações da Câmara Municipal e do Tribunal Judicial.

A cerimónia teve guarda de honra da Escola Prática de Infantaria, de Mafra, e toques da fanfara do Regimento de Artilharia de Queluz, sendo presidida pelo general Jorge Silvério, comandante do Comando de Pessoal do Exército,

em representação do correspondente Chefe do Estado Maior, e tendo contado com a presença do presidente da Câmara local, a qual custeou projecto e construção, e dos presidentes da Liga dos Combatentes, da ADFA e da APGV.

O acto foi sendo comentado por um elemento da Comissão Coordenadora para a construção, e os muitos combatentes e famílias foram convidados a acompanhar as individualidades presentes num almoço, bem animado e servido nas instalações da Associação Hóquei Clube da Lourinhã.

Nota da Direcção Nacional

1. Não é normal, para qualquer instituição que se preze, dar acolhimento a cartas anónimas; se estão lembrados, foi esse mesmo princípio referido na resposta dada a uma Alta Entidade, que endereçou em tempos à ADFA a resposta que entendeu dar a uma carta com essa natureza.

2. Porém, quando as coisas passam das marcas do que, com muito boa vontade, se poderia considerar admissível, o caso muda de figura. Sobretudo quando se entra por comportamentos que a Lei considera crime.

3. Foi recebida na Sede Nacional a carta de que se junta cópia (após hesitação, dados os termos empregues), endereçada ao presidente da DN. Como esta Direcção, por imposição estatutária e por postura própria, se considera solidária nos seus actos, entenderam os membros da Direcção darem-se todos por visados pelo teor da carta.

4. Numa primeira leitura, quer pelo descabido das acusações, quer pela indigência da prosa, seria de ignorar o facto. Mas este facto não surge isolado, mas inserido num contexto de acusações abertas ou veladas a que urge pôr cobro, sobretudo no período crítico que estamos a atravessar.

5. Primeiro, o assunto. Acusar um associado de pretender criar um estatuto especial para si próprio é no mínimo estúpido. Acusar alguém de querer salvaguardar o direito de acumulação de pensões e ao mesmo tempo de querer evitar que outros o façam é ainda mais estúpido. E a mesmo raciocínio se aplicaria a qualquer direito dos DFA: a perda de qualquer regalia repartir-se ia igualmente por todos os deficientes militares, associados ou não. Isto demonstra o absurdo da acusação, seja ela dirigida ao presidente ou ao mais desconhecido dos associados de base.

6. Segundo os termos. Ser atacado por quem quer que seja usando aquela forma não é ofensa; ser elogiado por alguém que demonstra tal elevação, educação, e conhecimento de causa, isso sim, seria uma ofensa.

7. Terceiro, as ameaças. Somos imunes a elas, sobretudo os que têm real experiência de combate. Não nos auto-proclamamos como heróis, não nos vangloriamos de matar "torras", achamos que cumprimos o nosso papel histórico, e sobretudo assumimos por inteiro a dignidade de ex-combatentes.

8. Para finalizar, há que reconhecer que o estado de espírito de quem escreveu a carta não nasceu por acaso. Alguém o semeou e cultivou, alguém capaz de instilar num espírito acrítico uma ideia absurda. E das duas, uma: ou se trata de alguém especificamente incompetente, ou

Carlos Alberto da Silva Almeida
Av. de Roma 76-1.
1700-351 LISBOA

Exm. Senhor
Patuleia Mendes
ADFA
Av. Padre Cruz - Edifício ADFA
1600-560 LISBOA

ESPERO QUE AO RECEBERES ESTA CARTA MORRAS JÁ, SEU CABRÃO DE MERDA ENTÃO A DAR O QUE É DOS DEFICIENTES E A PEDIR PARA NÃO TE TIRAREM A REFORMA DE FUNCIONÁRIO PÚBLICO NEM A DFA. É UM CABRÃO, UM LOUCO, UM LADRÃO, UMA MERDA QUE ANDA A ENGANAR OS OUTROS. SE NÃO MORRES JÁ LA TENHO EU QUE MATAR MAIS UM TORRA, PORQUE VAIS SER MORTO COM O TIRO JÁ, DEHENTE-JÁ DA ADFA PARA NÃO TERES HONRA DE MORTO, CABRÃO, LADRÃO, ASSASINO E PARA NÃO TERES HONRA DE MORTO, CABRÃO, LADRÃO, ASSASINO E DAR O QUE NÃO É TEU

de alguém estruturalmente desonesto. Só assim se pode compreender uma tão tosca manobra de desinformação.

A Direcção Nacional





Tudo à grande

RENAULT

- ▶ O salão de exposições é gigante: 2500 m2.
- ▶ O horário de atendimento é enorme.
8h - 20h durante a semana
9h - 19h ao fins-de-semana
- ▶ O horário da oficina é igualmente grande.
8h - 24h durante a semana
8h - 18h ao sábado
- ▶ No grande centro de ensaios cabe toda a gama.
- ▶ O serviço de assistência e desempanagem tem o maior horário possível: 24h por dia.

Atendimento Cliente: 800 203 157

RENAULT CHELAS
Tudo Por Si.

R. Dr. José Espírito Santo, Lote 11-E - 1900-672 LISBOA
Tel.: 21 836 14 00 Fax: 21 836 14 91
Av. da Liberdade, nº 33 - 1200-139 LISBOA